

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

RUHAN CARLOS MENDES SILVA

ENTRE CAIXAS:
histórias ilustradas sobre não-binarismo

Produto jornalístico

Mariana

2022

RUHAN CARLOS MENDES SILVA

**ENTRE CAIXAS:
histórias ilustradas sobre não-binarismo**

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Ricardo Augusto Orlando

Mariana
2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586e Silva, Ruhan Carlos Mendes.
Entre caixas [manuscrito]: histórias ilustradas sobre não-binarismo. /
Ruhan Carlos Mendes Silva. Ruhan Carlos Mendes Silva. - 2022.
57 f.: . + + 1 e-book (55p. : il.).

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Augusto Orlando.
Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Jornalismo. 2. Identidade de gênero. 3. Livros ilustrados. I. Silva,
Ruhan Carlos Mendes. II. Orlando, Ricardo Augusto. III. Universidade
Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 305

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário ICSAUFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Ruhan Carlos Mendes Silva

Entre caixas: histórias ilustradas sobre não-binarismo

Memorial descritivo do trabalho de conclusão de curso, modalidade produto, apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Aprovada em 13 de janeiro de 2022

Membros da banca

Dr. Ricardo Augusto Silveira Orlando - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. Maria Lucília Borges (Universidade Federal de Ouro Preto)

Ricardo Augusto Silveira Orlando, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 25/01/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Augusto Silveira Orlando, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/01/2022, às 17:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0269332** e o código CRC **B032256C**.

RESUMO

“Entre caixas: histórias ilustradas sobre não-binarismo” é um livro ilustrado que apresenta relatos sobre transformação e autoconhecimento de cinco pessoas que transgrediram o binarismo de gênero. Entre Caixas foi construído entre ilustrações e texto verbal, o produto final apresenta duas narrativas, relatos ilustrados narrados pelos personagens e um texto verbal que se conecta ao tema do capítulo. O objetivo do livro é apresentar a vivência das pessoas entrevistadas, assim como algumas especificidades de uma comunidade. São abordados nos relatos temas como transição, disforia de gênero, processo de se assumir, além de questões pessoais como relacionamento familiar e amoroso. Neste memorial descritivo busca-se compreender questões sobre o binarismo de gênero e como o sistema binário afeta pessoas que transgridem suas normas, além de explorar a linguagem ilustrada a fim de sustentar a produção do livro ilustrado.

Palavras-chave: Não-binário; gênero; livro ilustrado; genderqueer.

ABSTRACT

"Between Boxes: illustrated stories about non-binarism" is an illustrated book that presents stories on transformation and self-knowledge of five people who transgressed gender binarism. Between boxes was built between illustrations and verbal text, the final product presents two narratives, illustrated stories narrated by the characters and a verbal text that connects to the theme of the chapter. The purpose of the book is to present the experience of the people interviewed, as well as some specificities of a community. The stories address themes such as transition, gender dysphoria, the process of coming out, in addition to personal issues such as family and love relationships. This descriptive memorial seeks to understand issues about gender binarism and how the binary system affects people who transgress its norms, in addition to exploring illustrated language in order to support the production of the illustrated book.

Keywords: Non-binary; gender; illustrated book; genderqueer.

LISTA DE ABREVIATURAS

CIS	Cisgênero
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, queer, intersexuais, assexuais e as demais orientações
TRANS	Transexual

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A - Roteiro de perguntas	45
ANEXO B - Roteiro inicial do livro ilustrado	46

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. SEXO/GÊNERO	6
2.1 O binarismo e o não-binário	8
2.2 Identidade de gênero como revolução política	12
2.3 A expressão de gênero	16
3. O LIVRO ILUSTRADO	19
3.1 Linguagem visual	22
3.2 Narrativas gráficas	23
3.3 A construção da narrativa gráfica	25
4. O PRODUTO	28
4.1 A construção do livro	29
4.2 Os capítulos	32
4.3 As ilustrações	33
4.4 A produção	34
4.5 Publicação e público	36
5. ENTREVISTAS	38
5.1 Entrevistades	38
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
Anexos	46

1. INTRODUÇÃO

No dia 14 de julho é celebrado o Dia Internacional do Orgulho e Visibilidade de Pessoas Não-Binárias. Apesar de possuir um dia para conscientização sobre os desafios enfrentados por pessoas não-binárias, o tema tem pouca visibilidade, quase não é mencionado na mídia e a grande maioria da população nem conhece esse termo¹. E apesar desta data ser recente, já que passou a ser celebrada em 2012, os estudos de gênero que abordam vertentes que incluem não somente o masculino e/ou o feminino existem há mais de quatro décadas.

Não-binário é definido “como um termo “guarda-chuva” para qualquer gênero (ou a falta de gênero) que não seria adequadamente representado por uma escolha entre “homem” ou “mulher”.” (TITMAN, 2014, tradução nossa²). Entretanto, o termo não descreve a multiplicidade de gêneros, como será apresentado posteriormente. Um artigo publicado na *Scientific Reports*, ligada à revista científica *Nature*, produzido por Giancarlo Spizzirri, Raí Eufrásio e Maria Cristina Lima, contabilizou que 1,2% da população brasileira, o que equivale a quase três milhões de pessoas, não se identifica com o sistema binário de gênero. O artigo ainda chama atenção para o fato de que os dados disponíveis podem ser menores do que o número real, já que diversas pessoas com inconformidade de gênero não procuram ajuda.

Isso pode ser devido à vergonha, problemas de autoestima, morais sociais atuais influenciando o tratamento hostil contra eles, problemas financeiros, falta de apoio ou por não estarem cientes de sua própria identidade de gênero diverso. O risco de perder o apoio familiar, o trabalho e as relações também tem um impacto na decisão de procurar ajuda especializada, o que pode ser especialmente difícil para quem vive em áreas onde a discriminação é a norma. Também é importante notar que a proporção de indivíduos que se identificam como tendo gênero diverso excede o número estimado de pessoas que recebem assistência médica de afirmação de gênero porque nem todos os indivíduos com diversidade de gênero desejam intervenções médicas. (SPIZZIRRI; EUFRÁSIO; LIMA, 2021, tradução nossa³)

¹ É difícil encontrar conteúdo sobre o dia a dia na mídia comercial. Além disso, numa busca no Google, é possível notar como o tema é mais abordado durante o período do “mês do orgulho LGBTQIA +” e em maioria de produções segmentadas.

² “I am defining ‘nonbinary’ as an umbrella term for any gender (or lack of gender) that would not be adequately represented by an either/or choice between ‘man’ or ‘woman’.”

³ “This may be due to shame, self-esteem issues, current social morals influencing hostile treatment against them, financial problems, lack of support or for not being aware of their own gender-diverse identity. The risk of losing family support, work and relationships also have an impact on the decision to seek specialized help, which may be especially hard for those living in areas where discrimination is the norm. It is also worth noting that the proportion of individuals identifying as gender-diverse exceeds the estimated number of people who receive gender-affirming medical assistance, because not all gender-diverse individuals desire medical interventions.”

A sociedade em que vivemos é regida por estereótipos de gênero, a partir de definições pré-estabelecidas baseadas em características biológicas (órgãos genitais). O sistema regente de gênero permite apenas duas possibilidades: você é um homem ou uma mulher. Isso fica claro nos tempos atuais, quando recém-nascidos precisam ter um gênero definido (baseado em genitálias) para serem registrados. Contudo, as identidades pessoais e manifestações vão além dessas delimitações. Como afirma Simone de Beauvoir (*apud* MACHADO, 2018, p.25), ninguém nasce mulher, mas sim se torna: “Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino”.

Dentro do binarismo de gênero, diversas “regras” são impostas às pessoas como *meninos usam azul e meninas rosa*⁴. E várias outras segmentações são feitas de acordo com características biológicas. Porém, algumas pessoas se sentem não só incomodadas, como não se identificam com essas demandas. De acordo com Porchat (2014), o binarismo, além de limitar as expressões de gênero e excluir outras identidades que fogem desse espectro, também as hierarquiza. O resultado é uma sociedade heteronormativa, em que os indivíduos são definidos como homens ou mulheres, seguindo uma lógica reprodutiva. É também patriarcal, em que o sistema social privilegia o homem branco heterossexual.

Até o século XVIII, o discurso dominante teria construído os corpos masculino e feminino como versões hierarquicamente ordenadas de um único sexo. Esse modelo hierárquico, mas de sexo único, interpretava o corpo feminino como uma versão inferior e invertida do masculino. No século XIX, esse modelo é substituído por um modelo reprodutivo que enfatiza a existência de dois corpos radicalmente diferentes, com uma oposição radical das sexualidades masculina e feminina. Isso repercutiu em termos de gênero. Passa a haver uma diferença absoluta entre homens e mulheres: não mais um corpo parcialmente diferente, mas dois corpos singulares, o masculino e o feminino (PORCHAT, 2014, p. 24).

A comunidade LGBTQIA+ sempre ressignificou palavras usadas de maneira ofensiva para reforçar sua independência dos critérios heteronormativos. Não foi diferente para o não-binário ou *genderqueer*, que tem em seu nome traços de uma história de opressão. O termo “queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário”, diz Louro (2004, p.38), e sempre foi usado como um insulto a pessoas

⁴ Em janeiro de 2019, durante a posse no cargo de Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves afirmou que “menino veste azul e menina veste rosa”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damares.shtml> Acesso em 5 jan, 2022.

LGBTs em países onde o inglês é a língua nativa. Depois que a comunidade se apropriou dele, passou a ser usado como símbolo de orgulho para designar todos que são incongruentes com as normas da heterocisnormatividade. “Por isso, a proposta é dar um novo significado ao termo, passando a entender queer como uma prática de vida que se coloca contra as normas socialmente aceitas.” (COLLING, 2017, p.1)

Como afirma Preciado (2014), o sistema social determina uma delimitação em que define certas zonas corporais como reprodutivas e sexuais, a partir do sistema binário. Sendo assim, a atribuição de características físicas, como pênis e vagina, consagram uma sequência sexo-gênero-sexualidade. O sexo é baseado na genitália, que define o gênero do sujeito, que por sua vez define uma sexualidade esperada (heterossexualidade). Dentro do sistema social apontado por Preciado, o gênero é visto como algo determinado, fixo e que também não deve ser questionado, além de binário (deve seguir a regra). Nessas condições, o ser humano não é visto como um sujeito histórico, capaz de passar por transformações em sua vida e de pertencer a um grupo que compartilha da mesma identidade.

Vale destacar, então, que o termo “natural”, comumente empregado ao se falar em sexo e gênero, torna-se especialmente problemático ao reduzir as diferenças entre homens e mulheres ao biológico. Tanto na esfera cotidiana, como também em determinados espaços da esfera científica, esforça-se para comprovar a ideia de que homens e mulheres seriam tal qual seriam devido a presença de determinado órgão genital ao invés de outro ou devido a quantidade específica de certo hormônio. Esquece-se, entretanto, nesse ínterim, da fundamental informação de que a própria biologia, bem como seu campo de saber, constitui-se não em algo fixo e estável, mas em um “componente dinâmico de nossa existência”. (MACHADO, 2018, p.27)

Pessoas não-binárias entendem o gênero como algo que não se limita a uma simples identificação de homem ou mulher. Sua identidade não é definida dentro das margens do binarismo. O termo não-binário é usado para definir pessoas que transgridem o binarismo de gênero, mas dentro das identidades não-binárias. De acordo com o site Orientando (2017) e a organização *LGBT Foundation*⁵ o indivíduo pode se identificar, entre outras denominações, como:

- **não-binarie**: alguém que não se identifica como homem, nem mulher;
- **genderqueer**: define alguém não-binarie, mas como queer é usado como termo pejorativo por pessoas heteronormativas, genderqueer é visto como uma versão mais radical de não-binarie;

⁵ Disponível em: <https://lgbt.foundation/who-we-help/trans-people/non-binary> Acesso em 6 jan, 2022.

- **agênero**: ausência de gênero, pessoas que não se identificam com uma identidade específica, também usado para definir gênero-neutro;
- **gênero-fluído**: alguém cujo gênero muda de tempos em tempos;
- **homem não-binário**: pessoa não-binária que acha o conceito de masculinidade ou de ser homem útil para sua identidade;
- **mulher não-binária**: pessoa não-binária que acha o conceito de feminilidade ou de ser mulher útil para sua identidade;
- **intergênero**: uma identidade de gênero que é influenciada por serem intersexo.

No entanto, a identidade de gênero não deve ser confundida com expressões de gênero. De acordo com Neilton dos Reis e Raquel Pinho (2016), enquanto a identidade de gênero diz respeito à autopercepção, e no caso da não-binariedade está ligada à inconformidade com o sistema binário que rege nossa sociedade contemporânea, a expressão de gênero é formada pelo comportamento social, maneirismos, vocabulário, estilo (roupas, penteados, acessórios...), e costuma ser caracterizada como feminina ou masculina. No caso de pessoas não-binárias, como explica Mar Gonçalves (2019), essas expressões de gênero são diversificadas, há pessoas que misturam aspectos dos “dois universos”, outras que optam por se apresentar de forma “neutra”, e sujeitos que mesmo se identificando como não-binários possuem preferências visuais por características definidas como masculinas (por exemplo pelos, roupas largas, cabelo curto) ou femininas (por exemplo saias e vestidos, cabelo longo, maquiagem). É preciso dizer que há uma apropriação do que é culturalmente considerado como pertencente ao “universo feminino/masculino”, já que roupas e acessórios não possuem gênero, por se tratarem de um objeto. As identidades não-binárias então fluem por essas expressões, e “mesmo assim, como não vivemos em um vácuo cultural, social, conceitual e linguístico, sempre teremos traços de expressão e comportamento associados a algum dos gêneros que nossa sociedade reconhece “oficialmente”: Masculino ou Feminino.” (GONÇALVES, 2019).

Para muitas dessas pessoas uma forma de explorar essa identidade é por meio de seus corpos e como o usam para se expressar. Pensando nisso, uma inquietação surgiu na minha mente: Como pessoas que transgrediram o binarismo hierárquico de gênero utilizam seus corpos para representar suas identidades?

Neste trabalho procurei expandir essa questão e responder a alguns aspectos dessas expressões não-binárias. Além disso, meu interesse por este tema surgiu pela falta de

conteúdo com mais proximidade de pessoas não-binárias. Durante minha pesquisa, notei que a maioria das matérias divulgadas sobre este assunto em sites de notícias e jornais focavam de maneira abrangente, não apresentando pontos específicos da história das pessoas entrevistadas.

Este produto se justifica na falta de livros ilustrados sobre o não-binarismo e com isso serviria como apoio para que pessoas interessadas no tema possam saber um pouco mais sobre gênero e a experiência de outras pessoas. Ao longo da minha pesquisa por fontes e também em meio às entrevistas, pude notar que a falta de representatividade é a razão para a demora de diversas pessoas em se descobrir como não-binária. Como não possuem uma pessoa próxima em que possam se espelhar ou se inspirar na história, esses indivíduos acabam ficando perdidos sem saber o que são e se sentindo um erro em meio aos padrões definidos em nossa sociedade.

Meu objetivo aqui é expor os relatos de pessoas não-binárias sobre momentos marcantes de sua vida, que foram importantes em seu processo de descobrimento, aceitação, transformação. Eu quero com isso criar um material que seja informativo ao mesmo tempo que apresenta as especificidades das pessoas entrevistadas. Com isso, espero que meu produto possa acrescentar a discussão sobre representatividade e a importância de se debater questões de gênero, especialmente o não-binarismo.

2. SEXO/GÊNERO

Ao falarmos de binarismo de gênero ou mesmo de identidades de gênero que não são binárias, precisamos voltar na base de sexo e gênero.

Sexo, em geral, designa três coisas: o sexo biológico, tal como atribuído no nascimento – macho ou fêmea –, o papel ou o comportamento sexual que supostamente corresponde ao sexo biológico; o gênero, provisoriamente definido como os atributos femininos e masculinos – e que as diversas formas de socialização e educação dos indivíduos produzem e reproduzem; e, por fim, a sexualidade, isto é, o fato de ter uma sexualidade, de “ter” ou “fazer” sexo. (DORLIN, 2021, p. 7)

Segundo Piscitelli (2009), “na linguagem do dia a dia e também das ciências a palavra sexo remete a essas distinções inatas, biológicas”, sendo assim, o sexo, na sociedade acaba sendo resumido a genitálias, aparelhos reprodutivos etc. Essas distinções anatômicas são usadas para nos classificar como homens (pessoas com pênis), mulheres (pessoas com vagina), ou como intersexual (quando a pessoa possui genitais ambíguos ou ausentes). Em nossa sociedade decreta-se que os órgãos genitais irão definir o gênero das pessoas, “porém, a construção da nossa identificação como homens ou como mulheres não é um fato biológico, é social.” (JESUS, 2012, p.8).

De acordo com Thomas Laqueur (*apud* MACHADO, 2018, p.27) se numa antiguidade clássica houve uma noção unissexuada do corpo, a partir do século XVIII, passou a ser visto como conhecemos hoje, bissexuado. Isso diz respeito a uma concepção, de que o corpo feminino é uma versão inferior do masculino.

De um eixo vertical, portanto, asseverado por gradações (vagina e útero, por exemplo, seriam como que um pênis não desenvolvido) chega-se ao um eixo horizontal que opõe, em pontos extremos (e com um enorme vazio entre si), homem e mulher e que torna suas diferenças biológicas (sexuais) essenciais. Naquele primeiro momento, os ovários não eram sequer nominados. E é, justamente, ao nomear a carne, que a linguagem inventa o sexo e, com base nisso, fundamenta nesse lugar o espaço que legitima, ainda mais, toda uma série de assimetrias. (MACHADO, 2018, p.27)

O sexo então, se tornou uma lógica causa/efeito da biologia. Ser homem é ter pênis, ser mulher é ter vagina. E mais do que isso, os papéis sociais estariam definidos desde o nascimento, “via enquadramento de sujeitos em duas categorias completamente distintas e estáveis, baseadas então em fatos físicos que seriam inquestionáveis, os quais delimitariam os espaços permitidos (e interditados) aos corpos.” (MACHADO, 2018, p.28).

Já o gênero é um termo ainda mais complexo. Usado para definir a construção social do sexo baseado em características biológicas, isto é, a expressão social do sujeito, suas características, formas de agir, entre outras coisas. De acordo com Judith Butler, a noção de construção social defende a ideia de que os sujeitos não são totalmente determinados pela natureza, eles fazem escolhas, o que permite uma mudança histórica. Butler explica que, como sociedade, são criados padrões de comportamento e conduta que irão configurar normas. Gênero então é o papel social de homem ou mulher. Mas, em se tratando de uma construção, os sujeitos podem fazer mudanças históricas, isto é, desconstruir padrões e normas instauradas, a fim de adequar a sua realidade.

O próprio conceito de “sexo” é um terreno problemático, formado por uma série de contestações sobre o que deveria ser critério decisivo para a distinção entre os dois sexos; o conceito de sexo tem uma história que é coberta pela figura do lugar ou da superfície de inscrição. No entanto, assim representado como local ou superfície, o natural também é construído como aquilo que carece de valor; além disso, assume seu valor ao mesmo tempo que assume seu caráter social, ou seja, ao mesmo tempo que essa natureza renuncia sua condição natural. Então, de acordo com esse ponto de vista, a construção social do natural pressupõe que o social anula o natural. (...) Se o gênero consiste nos significados sociais que o sexo assume, então o sexo não acumula significados sociais como propriedades aditivas, mas, em vez disso, é substituído pelos significados sociais que perpetua; no decurso dessa assunção, o sexo é abandonado e o gênero emerge, mas não como um termo que absorve e desloca o “sexo”, a marca da sua plena consubstancialização no gênero ou aquilo que, de um ponto de vista materialista, poderia constituir uma completa dessubstancialização. (BUTLER, 2019, p. 25)

Assim como sexo e gênero, a sexualidade é estabelecida culturalmente, diz respeito à orientação sexual, isto é, ao desejo afetivo ou sexual por um ou mais gêneros. E assim como a construção de que pessoas só podem ser homens ou mulheres, a sexualidade é fundada em normas heteronormativas. A relação heterossexual, seja ela afetiva ou sexual, é considerada “normal”, enquanto o que não se encaixa nesse padrão é excluído ou considerado impróprio. Segundo Guacira Lopes Louro (2012).

Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (LOURO, 2000, p.6)

No campo da orientação sexual, o sujeito pode ser heterossexual, quando sente atração pelo sexo oposto; homossexual, quando sente atração pelo mesmo sexo; bissexual, quando sente atração por ambos; assexual, quando não sente atração por nenhum; pansexual, quando sente atração por pessoas, independente de sexo; entre outras.

A identidade de gênero corresponde a como o sujeito se sente em relação ao gênero que lhe foi definido. Dentro dessa lógica, a pessoa pode se identificar como cisgênera, quando está em conformidade com o gênero que lhe foi designado em seu nascimento; transgênera, quando está em inconformidade com o gênero que lhe foi atribuído ao nascimento, mas se identifica com o gênero oposto ao que lhe foi designado; não-binária, quando não se identifica dentro dos padrões binário, podendo se identificar com ambos os gêneros, nenhum deles, fluir entre eles, ou mesmo se identificar fora deste sistema. “O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto-percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente.” (JESUS, 2012, p. 8).

Identidade de gênero e orientação sexual não possuem relação direta e nem devem ser confundidos. Identidade de gênero diz respeito à percepção pessoal do indivíduo, enquanto a orientação sexual trata das relações afetivas e sexuais do sujeito.

2.1 O binarismo e o não-binário

O binarismo hierárquico de gênero é uma construção social que delimita as expressões dos corpos a partir de características biológicas, papéis sociais e orientação sexual. Como explicam Neilton dos Reis e Raquel Pinho:

Uma característica da construção sociocultural dos gêneros que merece atenção é que tal estrutura se apresenta e se constrói de maneira binária, isto é, tendo como possibilidades o masculino e o feminino. Essa forma de construção advém de um suposto determinismo biológico, no qual os corpos são entendidos no dimorfismo macho-fêmea. A esse dimorfismo (...) é que são atribuídas as características da matriz masculino-feminino, a partir da “primeira cena” que o indivíduo é apresentado. Tal cena é, tipicamente, a cena familiar onde os papéis de homem e de mulher emergem em performances e traços secundários característicos dessa dualidade. (DOS REIS e PINHO, 2016, p.12).

Sendo assim, o binarismo constrói socialmente um papel de gênero “adequado”. “Ser homem implica em não ser mulher, em rejeitar todo e qualquer marcador identitário inscrito no universo feminino.” (DOS REIS e PINHO, 2016, p.12). Isso cria uma série de regras de

comportamento e estereótipos, que são extremamente agressivos com pessoas que se opõem a este binarismo. Lorenzo Bernini (2011, p.20) chama de “sistema binário sexual” a imposição dos dois polos em relação ao sexo (macho ou fêmea, fundado na genital), gênero (como papel social de homem ou mulher) e orientação sexual (ter um desejo heterossexual). Essa classificação estabelece uma hierarquia dentro do binarismo de gênero, que é machista e heteronormativa. Homens cisgêneros possuem privilégios que mulheres cisgêneras não possuem, como diferença salarial, posição social etc.

Paul B. Preciado trata o sexo, tanto o órgão quanto a prática, como tecnologia biopolítica, com isso ele afirma que o sexo é uma tecnologia de dominação heterossexual. Isso porque reduz os corpos às genitálias e as caracteriza restritas ao sistema de reprodução. Essa construção do sexo apenas como meio de reprodução só reforça o sistema heterocentrado, impondo que você é seu sexo (genital) e o seu sexo define seu papel social. Nesse sistema, a mulher é colocada como meio de reprodução e o pênis ocupa o centro dos impulsos sexuais. Dessa forma, homens continuam tendo privilégios sobre as mulheres, ainda que limitados à heterossexualidade.

o sistema sexo/gênero é um sistema de escritura. O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais. (PRECIADO, 2000, p.26)

Dentro da heteronormatividade, os papéis sociais estão implícitos muito antes do sujeito nascer. Ainda na gestação são feitas afirmações como “É um menino!”, o que, segundo Guacira Lopes Louro, instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção. “A afirmativa, mais do que uma descrição, pode ser compreendida como uma definição ou decisão sobre o corpo.” (LOURO, 2004, p.15). Repete-se constantemente para crianças o que elas podem ou não fazer, com base em seu gênero biológico. Isso se aplica a toda construção social desses indivíduos; dos brinquedos que podem ter, até as brincadeiras que podem brincar; das roupas que podem vestir, até o corte de cabelo que podem ter; de como devem agir em público, até o que podem (ou não) sentir. De acordo com Sofia Brito (2018, p.3), não é considerada aceitável a possibilidade de explorar diferentes expressões e performances que não se limitem ao binarismo de gênero e sua rigidez.

Face a estas estruturas de poder opressivas, as vivências, conceptualizações, expressões e performatividades de gênero não-binárias e queer são múltiplas e diversas, pessoais e permitem a desconstrução do gênero, bem como a resistência a esta opressão cisheteronormativa (Foucault, 1979/1984; Halberstam, 2005⁶), a qual conduz a experiências de desumanização extensíveis a inúmeras, senão todas, as formas de (não) pertença social. (BRITO, 2018, p.3).

A história imposta é baseada na cultura em que os sujeitos são unificados, seu desenvolvimento é linear e esperado, escrevendo os corpos apenas com o gênero e a sexualidade “legítima”. Cria-se uma “matriz heterossexual que delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece pauta para as transgressões.” (LOURO, 2004, p.17). Os sujeitos na verdade são imprevisíveis. É impossível afirmar que a criança será ou não alta, artística ou esportiva, da mesma forma como não é possível definir que será um menino ou uma menina.

Por não ser comum explorar suas características singulares dentro do binarismo, pessoas que se opõem a este sistema, passam por processos de descobrimento de sua identidade durante sua vida. Sujeitos que se opõem ao binarismo de gênero (não-binários/queer) são pessoas que se identificam com ambos, nenhum, ou outro diferente. Também podem fluir entre a binaridade.

Este conceito, entretanto, não tem relação direta com vestuário ou estilo neutro. Expressão de gênero é a forma como cada indivíduo se expressa no mundo. Roupas, comportamento, gírias, todas as características socialmente associadas ao universo feminino ou masculino. A expressão de gênero não está necessariamente relacionada com sua identidade de gênero. Enquanto identidade de gênero diz respeito a como o indivíduo se sente e se identifica, a expressão de gênero trata de como a pessoa se apresenta ao mundo, como se expressa. Paul B. Preciado, em seu livro *Manifesto Contrassexual*, define como contrassexualidade os corpos independentes de nomenclaturas e definições impostas por natureza biológica e por construções sociais. Trata indivíduos como corpos falantes e não por seu gênero biológico, sua identidade de gênero ou sexualidade.

⁶ Foucault, M. (1979/1984). *Microfísica do poder* (4ª ed.). (R. Machado, Trad.). Rio de Janeiro: Edições Graal.
Halberstam, J. (2005). *In a queer time and place: Transgender bodies, subcultural lives*. New York: University Press.

(...) No âmbito do contrato contrassexual, os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos falantes. Reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas. Por conseguinte, renunciam não só a uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente, como também benefícios que poderiam obter de uma naturalização dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos de suas práticas significantes. (PRECIADO, 2014, p.21)

Segundo Preciado, “a contrassexualidade tem como tarefa identificar os espaços errôneos, as falhas da estrutura do texto (...) e reforçar o poder dos desvios e derivações com relação ao sistema heterocentrado.” (PRECIADO, 2014, p.27). As pessoas que confrontam esse sistema sofrem não só da opressão naturalizada da hierarquia de gênero, como também de preconceitos, agressões e até tem sua identidade questionada. Isso porque a principal justificativa do binarismo de gênero como um sistema heteronormativo é justamente a biologia dos corpos. Pessoas não-binárias são constantemente cobradas para que se rotulem em um dos dois gêneros, mas isso só reforça a violência que sofrem ao terem sua identidade invalidada. Então sair desse espectro de macho e fêmea é ir contra a “ordem natural” de homem e mulher como reprodutores. Isso é baseado na tecnologia social, que usa o sistema heterossexual como discurso supremo da natureza.

O sexo é uma tecnologia de dominação heterossocial que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros (feminino/masculino), fazendo coincidir certos afectos como determinados órgãos, certas sensações como determinadas reações anatômicas. (PRECIADO, 2014, p.25)

O não-binarismo então permite aos corpos expressarem suas identidades da forma como se sentirem confortáveis, sem cobranças ou regras. Essas pessoas exploram tanto sua representação visual quanto sua identidade de gênero de forma a adequá-las com suas características individuais. Sendo assim, não seguem padrões e se expressam de maneiras diferentes. Por exemplo, uma pessoa pode ser não-binária, mas querer ser tratada pelo feminino, como também existem pessoas que preferem ser tratadas pelo gênero neutro. Os pronomes são um ponto importante dentro do não-binarismo, a linguagem neutra está ganhando força, e algumas pessoas preferem ser tratadas por “ile” ou “elu” (ao contrário de ele ou ela), substituindo assim marcadores de gênero como “a” ou “e” por “u”. Em outras palavras, os marcadores de gênero são substituídos por “e”, como em “todes”, “amigue” etc. Apesar do avanço da linguagem neutra, o não-binarismo não se limita a isso. “Não se trata de substituir certos termos por outros. Não se trata nem mesmo de se desfazer das marcas de

gênero ou das referências à heterossexualidade, mas sim de modificar as posições de enunciação.” (PRECIADO, 2014, p.27).

Atualmente, a linguagem neutra não é reconhecida pelas normas da Língua Portuguesa. No ano de 2021, uma professora de Vitória (ES), escreveu uma mensagem com linguagem neutra⁷ para os alunos em uma plataforma digital. Em seu texto ela dizia “Todes bem vindes”. Os pais que acompanhavam o material dos alunos do 6º ano reclamaram sobre o caso para um vereador. O assunto foi debatido na Câmara e terminou com pronunciamento da Prefeitura. A Secretaria de Educação de Vitória (Seme), então, disse em nota que a escola havia sido orientada a não utilizar a linguagem neutra na Rede Municipal de Ensino. Segundo a Secretaria, a linguagem neutra não é reconhecida pelas normas da Língua Portuguesa.

Esse caso reflete o retrocesso em relação à adaptação da língua. As linguagens que conhecemos foram criadas, ou seja, elas passaram por transformações e adaptações até chegarem ao que temos hoje. A própria Língua Portuguesa dos dias atuais não é a mesma do século XVIII. Se a língua se adapta aos tempos e às pessoas, porque não se adaptar a uma nova realidade em que se respeita a identidade de todas as pessoas?

2.2 Identidade de gênero como revolução política

Não há regras universais quando o assunto é não-binarismo, por se tratar de uma diversidade de sujeitos que se identificam de diferentes formas. De acordo com um artigo publicado pela *LGBTQ Policy Journal* de *Harvard Kennedy School*, em uma pesquisa feita com mais de 6 mil pessoas que se identificavam como transgêneros ou gênero não-conformista, 13% respondeu não se identificavam com um gênero listado nas opções. Os entrevistados podiam escolher entre: (A) masculino/homem, (B) feminino/mulher, (C) meio período como um gênero, meio período como outro, (D) um gênero não listado aqui, especifique. 20% se definiu como a opção C, e as pessoas que escolheram D listaram uma série de definições para sua identidade, reforçando a característica de identificação individual dessa diversidade.

⁷ Disponível em: <https://tribunaonline.com.br/cidades/bem-vindes-professora-de-vitoria-usa-genero-neutro-para-saudar-alunos-e-prefeitura-e-acionada-90491> Acesso em 6 jan, 2022.

O Q3 obteve 860 respostas por escrito para gênero não listado, muitos deles criativos e únicos, como twidget, birl, OtherWise e transgenderist. A maioria destes respondentes escreveram genderqueer, ou alguma variação disso, como pangênero, terceiro gênero ou híbrido. Ainda outros escolheram termos que se referem ao terceiro gênero ou genderqueers dentro de tradições culturais específicas, como Two-Spirit (Primeiras Nações), Mahuwahine (Havaiana) e Agressivo (negro ou afro-americano). (HARRISON; GRANT; HERMAN, 2012, p.14, tradução nossa⁸)

Sendo assim, o objetivo das entrevistas é identificar os pontos pelos quais as histórias dos entrevistados se conectam, e como utilizam de suas expressões de identidade para ocupar um lugar de resistência. O conceito de não-binarismo é muito abrangente e, apesar de parecer uma discussão nova, teve seus primeiros estudos há mais de quatro décadas. Se levarmos em consideração que os movimentos feministas surgiram no final do século XIX, o desenvolvimento da pauta não-binária é recente. Nos últimos anos houve um aumento da exposição dessa identidade de gênero, com figuras públicas, celebridades se assumindo não-binárias e também com o aumento de conteúdo sobre o termo nas mídias sociais.

Com o aumento de representatividade e mais discussões sobre o assunto, pessoas que não se identificavam no espectro LGBT passaram a conhecer novas terminologias que tratam de identidades parecidas com as suas. Dessa forma, seguindo Louro, o não-binarismo é disseminado e passa a ser visto como uma “identidade legítima”, já que até então só eram consideradas legítimas identidades cis e qualquer outra que se opusesse a isso era considerada como perversidade, o que ainda é feito por muitos conservadores.

Mesmo que essas pessoas tenham liberdade para escolherem se apresentar e representar como se sentem, ainda sofrem repressão da sociedade, que as pune por não seguirem o modelo do binarismo de gênero. Preconceito, assédio e agressões são realidade de muitos LGBTQIA+ que vivem no Brasil, país que mais mata transexuais no mundo, de acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra). Segundo o Dossiê de 2020, “dados preliminares do projeto da ANTRA, TransAção, revelam que 94,8% da população trans afirmam terem sofrido algum tipo de violência motivada por discriminação devido à sua identidade de gênero.” (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2021, p.9).

⁸ “Q3 garnered 860 written responses to GNL, many of them creative and unique, such as twidget, birl, OtherWise, and transgenderist. The majority of these respondents wrote in genderqueer, or some variation thereof, such as pangender, third gender, or hybrid. Still others chose terms that refer to third gender or genderqueers within specific cultural traditions, such as Two-Spirit (First-Nations), Mahuwahine (Hawaiian), and Aggressive (Black or African American).”

Quando esses sujeitos transgridem as normas impostas de gênero e da sexualidade, suas expressões de identidade se tornam ações revolucionárias. Como sujeitos históricos, ao irem contra a ordem e a norma, provocam desconforto, curiosidade e fascínio, e contribuem para reescrever a nossa sociedade. O não-binarismo desconstrói o senso de identidade fixa, renunciando às imposições sobre expressões de identidade e performances de gênero. No entanto, não há intenção de construir um novo ideal de sujeito, nem de produzir uma nova referência. Legitimar essa identidade não anula as identidades binárias, apenas amplia o “guarda-chuva” que é o gênero.

A visibilidade e a materialidade desses sujeitos parecem significativas por evidenciarem, mais do que outros, o caráter inventado, cultural e instável de todas as identidades. São significativas, ainda, por sugerirem concreta e simbolicamente possibilidades de proliferação e multiplicação das formas de gênero e de sexualidade. (LOURO, 2004, p.23)

Gênero e sexualidade, especialmente no Brasil, um país com alto índice de LGBTfobia, são tidos como dimensões “essenciais” e “universais”, que não devem ser discutidas ou alteradas. Por isso as expressões de identidade de pessoas não-binárias são fortemente políticas. “O que eles ousam ensaiar repercute não apenas em suas próprias vidas, mas na vida de seus contemporâneos.” (LOURO, 2004, p.23). O simples ato de se vestir de forma diferente do que é esperado se torna um ato de resistência. As causas LGBTQIA+ atualmente estão mais visíveis, o que torna a luta entre elas e os grupos conservadores mais explícitas. Essa visibilidade tem pontos positivos e negativos. Por um lado, há um aumento da aceitação da pluralidade sexual, permitindo que essas pessoas ocupem novos espaços e que setores sociais passam a consumir alguns de seus produtos sociais (por exemplo Sam Smith⁹ e Demi Lovato¹⁰, cantores internacionais de grande sucesso que recentemente se assumiram não-binários). Por outro lado, como afirma Louro (2001), os setores “tradicionais” renovam seus ataques, reforçam suas campanhas de retomada dos valores tradicionais de família (com discursos políticos que se apoiam na marginalização da comunidade LGBTQIA+ e distorcem suas causas sociais), promovem atitudes de agressão física, assédio e até tortura contra integrantes de “minorias” sexuais.

⁹ Disponível em:

<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/lollapalooza/2019/noticia/2019/03/19/nao-sou-homem-nem-mulher-sam-smith-se-identifica-como-pessoa-nao-binaria.ghtml> Acesso em 6 jan, 2022.

¹⁰ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/estilo/2021-05-19/demi-lovato-se-declara-de-genero-nao-binario.html> Acesso em 6 jan, 2022.

Nesse contexto em que seus corpos representam um papel político, ao ocupar espaços de grande visibilidade, as pessoas não-binárias fazem sua existência ser reconhecida e comentada. Resignificam as regras da heteronormatividade, quando misturam roupas e características físicas do universo feminino e masculino. “Queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora” (LOURO, 2004, p.38-39).

Grande parte da comunidade não-binária se identifica como transgênero, um indivíduo cuja identidade de gênero difere em diversos graus do sexo biológico. Transexuais são sujeitos que passam por uma transição social – que podem incluir tratamentos hormonais, cirurgias e procedimentos estéticos – para que seus corpos se aproximem de sua identidade de gênero. Dentro desse espectro, existem pessoas trans não-binárias, que não se identificam como homem ou mulher, mas que podem escolher passar por algum tipo de modificação, seja hormonal ou cirúrgica, a fim de adequar seu corpo com sua identidade.

A pauta de trans não-binários está em alta no momento graças a alguns atletas que se identificam assim e participaram dos Jogos Olímpicos de 2021. Rebecca Quinn joga no time canadense de futebol feminino e se tornou notícia sendo a primeira pessoa trans não-binária¹¹ a ganhar a medalha de ouro em Jogos Olímpicos. De acordo com Quinn¹², em uma publicação feita em seu perfil pessoal no Instagram, esse é um passo importante para mudanças neste evento esportivo, nas leis, nas regras, nas estruturas e mentalidades, já que ainda é um tabu a participação de atletas trans em eventos esportivos. Com a exposição dos atletas trans na Olimpíada de Tóquio, houve o aumento de discussões sobre o tema¹³. Essa representatividade é importante para a construção de outros sujeitos, já que nossa identidade é formada através do outro.

Desconstruir os valores de sexo-gênero-sexualidade não significa destruir estes conceitos; é desfazer as imposições que não se aplicam a todos e adaptar para que incluam a todos/todas/todes. Como seres plurais, devemos entender a complexidade dos sujeitos e como isso implica na desconstrução das normas regulatórias sobre eles e constantemente aprimorar o que conhecemos e temos por gênero e sexualidade.

¹¹ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/quinn-1-trans-nao-binaria-a-conquistar-medalha-miralem-da-gloria-olimpica/>. Acesso em 6 jan, 2022.

¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CRoPrOvs4Ev/>. Acesso em 6 jan, 2022.

¹³ Disponível em: <https://forbes.com.br/forbesesg/2021/08/primeiros-atletas-olimpicos-abertamente-transgeneros-e-nao-binarios-esquentam-discussao-sobre-o-tema/>. Acesso em 6 jan, 2022.

Portanto, ao se eleger a desconstrução como procedimento metodológico, está se indicando um modo de questionar ou de analisar e está se apostando que esse modo de análise pode ser útil para desestabilizar binarismos linguísticos e conceituais (ainda que se trate de binarismos tão seguros como homem/mulher, masculinidade/feminilidade). A desconstrução das oposições binárias tornaria manifesta a interdependência e a fragmentação de cada um dos pólos. Trabalhando para mostrar que cada pólo contém o outro, de forma desviada ou negada, a desconstrução indica que cada pólo carrega vestígios do outro e depende desse outro para adquirir sentido. (LOURO, 2004, p.42-43)

Como teóricos e teóricas queer afirmam, mesmo os discursos homossexuais foram construídos baseados na heterossexualidade. O binarismo então continua intocado como referência para a construção dos sujeitos, do conhecimento sexual e das instituições sexuais. “Segundo os teóricos e teóricas queer, é necessário empreender uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão.” (LOURO, 2004, p. 45). Enquanto houver imposições do que é considerado “natural”, haverá a exclusão de tudo aquilo que se opõe a essa norma. A desconstrução baseada na teoria queer apresenta sujeitos com liberdade de pensar e expressar a ambiguidade, a multiplicidade, as identidades sexuais e de gênero que são fluidas, que podem mudar com o tempo e não são caracterizadas por certo ou errado. Essa desconstrução também estimula novas maneiras de pensar a cultura, a educação, o conhecimento, o poder. Uma mudança epistemológica que ressignifica, problematiza e contesta as formas descritas como “naturais, do bem e conservadoras”.

2.3 A expressão de gênero

Manifestações externas de gênero, expressas através do nome de uma pessoa, pronomes, roupas, corte de cabelo, comportamento, características de voz e/ou corpo. A sociedade identifica essas pistas como masculinas e femininas, embora o que seja considerado masculino ou feminino mude ao longo do tempo e varie de acordo com a cultura. (GLAAD, 2016, p.10, tradução nossa¹⁴).

Considerada a forma como as pessoas manifestam socialmente sua identidade de gênero, a expressão de gênero está em sua identificação nominal, no pronome que escolhe usar, em suas roupas, em seu cabelo, em sua voz e vocabulário, na forma de expressão do corpo, no comportamento. Apesar disso, essa expressão não representa o sexo biológico, nem

¹⁴ External manifestations of gender, expressed through a person's name, pronouns, clothing, haircut, behavior, voice, and/or body characteristics. Society identifies these cues as masculine and feminine, although what is considered masculine or feminine changes over time and varies by culture. Typically, transgender people seek to align their gender expression with their gender identity, rather than the sex they were assigned at birth.

aponta o gênero, a orientação sexual, ou necessariamente, a identidade de uma pessoa. É a forma como o sujeito decide se apresentar perante outras pessoas.

Assim como na identidade de gênero, o binarismo constrói os padrões de expressão masculina e feminina. Baseado nisso, estabelecem-se conceitos e modelos que representam expressões da masculinidade e da feminilidade. E estas estão ligadas ao sexo biológico. Um homem deve ser másculo, pode ter pelos pelo corpo, não deve demonstrar sentimentos. Esses estereótipos que envolvem o gênero e reforçam as expressões binárias são construídos social e culturalmente. O padrão de masculinidade na contemporaneidade, por exemplo, varia de acordo com o país, a cultura, o meio onde esse sujeito está inserido. As expressões de gênero também mudam de acordo com o período histórico, sofrem alterações em termos de moda, estilos (as diversas formas de manifestações que pessoas se utilizam para se expressar), movimentos sociais etc., entretanto ainda assim criam-se modelos de feminilidade/masculinidade discriminatórios.

Se por um lado a forma como nos expressamos manifesta aspirações, por outro, exprime o desejo de aceitação e inclusão por parte do grupo. “Na maior parte do tempo, a roupa e o adorno que usamos estão efetivamente destinados a atrair a atenção do outro”. (LANZ, 2014, p.92). Isso implica, não somente nos modelos pré-estabelecidos de masculino/feminino, como também na segmentação de estilos. Apesar de existirem inúmeras tendências quando se fala em estilo, alguns são aceitos socialmente e outros são marginalizados, e conseqüentemente são taxados como “uma forma errada de se apresentar”.

O que vestimos – ou deixamos de vestir – é resultado de inúmeros fatores e condicionantes sociopolíticos, econômicos e culturais. A roupa afeta e reflete a percepção que cada um tem de si mesmo, atuando como um filtro e fazendo a conexão entre o nosso eu interno e o nosso eu social isto é, entre o nosso eu individual e o meio que nos cerca. A escolha da roupa que vestimos resulta de uma combinação entre o nosso desejo individual de expressar ao mundo o nosso eu e a observância de regras sociais de conduta. (LANZ, 2014, p.93)

Essas expressões de gênero, podem então facilitar (para sujeitos em conformidade com as imposições do binarismo) ou dificultar (para sujeitos que transgridem o binarismo), e em alguns casos até impedir que indivíduos interajam com outros indivíduos ou grupos. “Nós nos vestimos fundamentalmente para tornar os nossos corpos inteligíveis dentro da matriz cultural.” (LANZ, 2014, p.93). A moda, os estilos, os maneirismos, são temporais e mudam assim como os costumes, também são processos que constroem e reproduzem, ostensivamente, as identidades de gênero validadas.

Entretanto, ainda que a expressão de gênero tenha, dentro do binarismo, um modelo limitador, ela é capaz de constituir transformações quando se impõe em confronto ao que está estabelecido. É dessa forma, por exemplo, que as expressões de identidades não-binárias assumem um papel de libertação dos costumes tradicionais ao se reapropriarem de itens do “universo masculino/feminino”, ressignificando-os em sua fluidez de gênero.

Por estar associada a uma intensa regulamentação sociocultural de usos e costumes, a roupa adquire o poder ímpar de promover a inclusão ou a separação (desvio) do indivíduo em relação ao grupo, contribuindo assim para o surgimento de subgrupos sociais. A roupa é, ao mesmo tempo, um operador de socialização, um mecanismo de controle social e um veículo de libertação da tirania dos condicionantes culturais. Um exemplo da roupa como operador de socialização é o papel do uniforme na escola, nas organizações religiosas, nas linhas de produção e nas forças armadas. Não devemos nos esquecer da extensão em que os códigos de vestuário têm sido usados para categorizar e controlar hierarquias sociais e sexuais. (LANZ, 2014, p.94)

3. O LIVRO ILUSTRADO

Para começar é importante indicar a diferença entre livro ilustrado, livro com ilustrações e histórias em quadrinhos. De acordo com Nikolajeva e Scott (*apud* GENS, 2012) em um livro ilustrado, imagens e texto possuem o mesmo nível de importância e se complementam: neste formato a ilustração é mais do que um apoio ao texto é uma narrativa visual distinta. Já em um livro com ilustrações a imagem costuma servir como um acompanhamento, um exemplo do que está sendo narrado e portanto não é essencial para a compreensão do texto.

Já as histórias em quadrinhos, seguindo a perspectiva de Scott McCloud (1995), são narrativas feitas completamente no campo visual, contando apenas com o texto verbal nos balões. Além disso, McCloud indica que diferente da fotografia (que associamos a uma pessoa específica) e um desenho realista (que pode ser associado a algumas pessoas), as representações simplificadas, comuns em histórias em quadrinhos, permitem ao leitor associar aquela imagem a todas as pessoas, facilitando assim o processo de identificação com o personagem.

Explorando o artigo de Armando Gens (2012), a narrativa em um livro ilustrado se constrói entre o texto e a ilustração. Essa interligação entre as linguagens amplia o poder de leitura e a compreensão de uma história, tudo isso permitindo entreter ainda mais o leitor.

Através da pesquisa, fica muito claro que, ao se conceber o livro ilustrado “como uma forma específica de expressão”, não convém empregar na análise da ilustração os mesmos processos que comumente são aplicados ao texto verbal. Este é um ponto muito importante e que não tem recebido relevo em grande parte dos trabalhos em que se conjugam texto e ilustração, pois invariavelmente ou a ilustração receberá o mesmo tratamento dedicado ao texto, ou, em casos mais extremos, ela será negligenciada. (GENS, 2012, p. 9)

O meu produto então se torna um e-book que, assim como o tema, extrapola essas caixas. Me inspiro em narrativas gráficas, histórias em quadrinhos, livros ilustrados, para criar um livro que misture a narrativa visual com a textual de forma linear e objetiva, sem perder a subjetividade dos personagens.

Quando combinadas em uma narrativa, as palavras impulsionam o leitor adiante na leitura enquanto as ilustrações retardam seu olhar. Assim, as palavras direcionam o fluxo da leitura, fazendo o leitor avançar, enquanto as ilustrações representam um ponto de vista e detalhes do texto que demandam uma leitura mais lenta e cuidadosa. (GILI, 2014, p.24)

Seguindo essa definição, podemos concluir que ambos são essenciais para que se entenda a história por completo. Chamamos de narrativas tradicionais as histórias construídas através da estrutura de início, meio e fim, conectadas de forma a criar sentido. Cada uma das linguagens é responsável por uma parte do todo e, juntas, se completam construindo o livro. Em um livro, a história se concretiza quando se unem os acontecimentos de forma ordenada e intencional.

No livro ilustrado as narrativas visuais não são uma representação do texto, elas exploram novos pontos, apresentam outras informações, geram novas interpretações. Segundo Gili, as ilustrações irão expandir o verbal quando apresentarem particularidades importantes para a construção da narrativa. Por isso, não deve ser confundido com um livro com ilustrações, em que o verbal “existe de forma independente, ele sustenta a narrativa, sem a necessidade intrínseca das imagens para que tenha sentido” (FLECK; CUNHA; CALDIN, 2016, p. 199). Ainda segundo as autoras Fleck, Cunha e Caldin, em um livro ilustrado há mais do que apenas a leitura separada dos textos verbal e visual, há uma integração das linguagens. “A ilustração é preponderante no livro ilustrado e a ocupação espacial das imagens é superior à do texto escrito, sem contanto, torná-lo secundário.” (FLECK; CUNHA; CALDIN, 2016, p.200).

A visualidade das imagens, dentro do livro ilustrado, funciona como um elemento que expande o verbal, já que “algumas ilustrações têm o potencial de provocar uma reflexão em seus observadores, torná-los de certa forma implicados naquilo que representam.” (GILI, 2014, p.21). A ilustração dentro da narrativa permite explorar ao máximo as histórias, podendo representar o real ou o imaginário, já que, apesar de muitas vezes remeter a um estilo infantil, as ilustrações podem ocupar um papel crítico na narrativa. Nesse sentido, a “ilustração pode ser vista como elemento polissêmico, gerador de imagens críticas que tocam a realidade sem, no entanto, se predispor a retratá-la de forma única, fechada e estanque.” (GILI, 2014, p.22).

No livro ilustrado as imagens possuem um peso muito importante, isto porque “as ilustrações podem auxiliar na ambientação de uma narrativa e oferecer informações que não

estão presentes no texto escrito.” (GILI, 2014, p.54). Sendo assim, a ilustração é uma linguagem expressiva e relevante que possibilita uma melhor demonstração das subjetividades dos envolvidos.

[...]o lugar que as ilustrações ocupam na produção atual de livros ilustrados foi mudando através do tempo e pode-se dizer que, hoje, têm maior peso, colaborando para a própria construção do significado de uma narrativa. As recentes mudanças nas formas do livro, não apenas no que diz respeito à sua estrutura narrativa, mas também ao próprio suporte no qual se apresenta, colocam em evidência outras áreas do saber que colaboram para a montagem do livro como um todo. Elementos paratextuais, interações palavra e imagem, múltiplas camadas de sentido e interatividade, bem como o próprio projeto de design gráfico que organiza todos esses elementos são manifestações dessas mudanças. (GILI, 2014, p.74).

O mundo que conhecemos hoje é binário. Isso implica que para uma pessoa não-binária expressar sua identidade, ela tem que escolher entre um dos dois gêneros e/ou uma mistura deles. Mesmo assim, o resultado é uma aparência ambígua, andrógina, na qual não se consegue distinguir o gênero, porém, isso não é uma expressão neutra, já que ambos os gêneros reconhecidos e aceitos pela sociedade estão presentes.

Então como a expressão de gênero impacta essa comunidade? Tendo em mente, que as expressões visuais, sejam roupas, cabelo, maquiagem, maneirismo, fazem parte da construção da expressão de gênero de pessoas com identidades não-binárias, a representação visual se torna de grande importância. De acordo com Gili;

Em alguns livros ilustrados, texto e imagem convergem para uma narrativa única e enriquecida pela presença de ambos, representando assim uma forma de expressão artística visual e literária única, atraente para leitores de todas as faixas etárias por possuir camadas de significação e, assim, oferecer distintas experiências de leitura. (GILI, 2014, p.29)

Dessa forma, acredito que um livro ilustrado pode representar da melhor forma esta comunidade, já que a visualidade é tão presente e também porque as ilustrações permitem desenvolver o lado imaginário das fontes entrevistadas.

3.1 Imagem

O conceito de imagem é amplo: é um termo utilizado para descrever diversas representações visuais. Se em outro momento houve uma descrição mais fechada do conceito de imagem, hoje, ele é aprimorado para que possa abordar inúmeras manifestações visuais.

Martine Joly, em seu livro “Introdução à análise da imagem”, apresenta um caráter polissêmico da palavra “imagem”, junto da diversidade de seu uso, o que implica em diferentes tipos e esferas de produção e recepção na contemporaneidade. Segundo Joly, ainda que a imagem nem sempre remeta ao visível, ela “toma de empréstimo alguns traços ao visual e, em todo o caso, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém, que a produz ou a reconhece.” (JOLY, 2007, p.13).

Há uma diversidade de formas, objetos e experiências associadas ao termo imagem. De acordo com a autora, as expressões corriqueiras que empregam a palavra imagem são o reflexo, e também o produto, de nossa construção histórica.

No início, havia a imagem. Para onde quer que nos viremos, existe a imagem. Por todo o lado através do mundo, o homem deixou vestígios das suas faculdades imaginativas sob a forma de desenhos feitos na rocha e que vão desde os tempos mais remotos do paleolítico até a época moderna. Estes desenhos destinavam-se a comunicar mensagens e muitos deles constituíram aquilo a que chamamos “os pré-anunciadores da escrita”, utilizando processos de descrição-representação que apenas retinham um desenvolvimento esquemático de representações de coisas reais. Petrogramas, se forem desenhadas ou pintadas, petroglifos, se forem gravadas ou entalhadas, estas figuras representam os primeiros meios da comunicação humana. Consideramo-las como imagens na medida em que imitam, esquematizando visualmente, as pessoas e os objetos do mundo real. (JOLY, 2007, p.18)

A imagem está presente na história da humanidade, ela está na religião, na arte, na comunicação, ela proporciona material para reflexão. Assim, as imagens ocupam diversos campos e, principalmente, são centrais na cultura contemporânea, em que estão presentes em redes sociais, conversas por aplicativos etc.

O termo também é utilizado para se referir quando falamos de representações mentais, como o sonho, por exemplo. Essa imagem mental pode ser explicada como quando ouvimos ou lemos a descrição de algo ou algum lugar, e conseguimos “ver” como se estivéssemos lá.

Estando a imagem presente em tantas áreas, seria possível segmentar e analisar separadamente cada um desses âmbitos. Joly, então, baseando-se numa abordagem semiótica, propõe que a primeira forma de abordar a imagem é sob o ponto de vista da significação, isto é, “a maneira como eles [signos] suscitam significados, ou seja, interpretações.” (JOLY, 2007, p. 30).

Efetivamente, um signo é um signo apenas quando exprime idéias e suscita no espírito daquele ou daqueles que o recebem uma atitude interpretativa. Deste ponto de vista poderemos afirmar que tudo pode ser signo, pois que a partir do momento em que somos seres socializados aprendemos a interpretar o mundo que nos rodeia, seja ele cultural ou natural. (JOLY, 2007, p. 30-31)

Seja representando o material – as representações visuais que tomam como objeto o mundo que conhecemos –, seja o imaginário – as representações mentais que se baseiam na fantasia –, a imagem ocupa um caráter histórico, por estar presente em diversas formas de representação, em diversos períodos de tempo.

Apesar da imagem ser parte da nossa história, dos desenhos produzidos na Pré-História até nossas produções atuais, não podemos considerar a imagem como uma linguagem universal. Isso porque seu significado está ligado ao contexto em que foi feito, à época, ao sentido que quem produziu quis criar. Uma imagem solta cria diversos significados para quem a interpreta. No meu livro, em específico, as imagens tomam um papel de expansão do imaginário, elas representam um recorte da história das pessoas entrevistadas, que pode ser comum a outras pessoas não-binárias. Sendo assim, as ilustrações focam no lado subjetivo – das fontes, das emoções que quero evidenciar com aquele relato – e dessa forma contrastam com o verbal que segue por um lado mais informativo e sério.

3.2 Narrativas gráficas

Já ficou claro que contar histórias faz parte da construção social dos grupos humanos. Nos últimos anos, a interação entre ilustração e texto tem sido explorada pelo jornalismo em quadrinhos e elas estão se tornando mais populares. Segundo Will Eisner, em seu livro “*Narrativas Gráficas*”, já na metade do século XX a definição de literatura foi alterada, graças à proliferação do uso de imagens como um fator de comunicação. Produções que utilizam dessas linguagens mais imagéticas conquistaram um maior espaço e se consolidaram no jornalismo, unindo informação gráfica e também escrita. Narrativas gráficas, que sobrepõem palavra e imagem, fazem com que o leitor pratique suas habilidades de interpretação visual e verbal. A leitura deste conteúdo gráfico é um ato de “percepção estética e de esforço intelectual” (EISNER, 2012, p.8).

Segundo Will Eisner, narrativas ilustradas conseguem ser bem sucedidas porque os processos psicológicos envolvidos na compreensão de imagens e palavras são similares. Aliás, essas duas linguagens derivam de uma mesma origem. Dessa forma, explorar esse território, em que a ilustração e o texto se completam, não é uma tarefa fácil, a construção de

uma boa narrativa depende das habilidades do artista em conseguir executar uma conexão entre a expressão visual e textual. Essa expressão visual caracteriza a narração gráfica, as ilustrações criam a atmosfera, constroem a emoção da cena, que junto do texto, formam uma mensagem precisa a ser entendida pelo leitor.

É isso, afinal, a arte da narração gráfica. A codificação, nas mãos do artista, transforma-se num alfabeto que servirá para expressar um contexto, tecendo toda uma trama de interação emocional. Por meio do manejo habilidoso dessa estrutura aparentemente amorfa e de uma compreensão da anatomia da expressão, o desenhista pode começar a empreender a exposição de histórias que envolvem significados mais profundos e tratam das complexidades da experiência humana. (EISNER, 2012, p. 16)

A arte sequencial, quando imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis são utilizados para expressar ideias similares, pode também ser construída na ausência de qualquer diálogo. Dessa forma o ilustrador consegue reforçar pensamentos e ações de imagens extraídas da experiência do cotidiano. “A experiência comum e um histórico de observação são necessários para interpretar os sentimentos mais profundos do autor.” (EISNER, 2012, p. 24). Essas características são essenciais para a construção de uma narrativa que explora o subjetivo, ainda mais lidando com emoções e sentimentos de indivíduos.

Apesar de alguns autores acusarem narrativas gráficas de não serem uma leitura séria, como aponta Will Eisner, é indiscutível o fato que o entendimento da história é acelerado pelas ilustrações fornecidas. O fato dessas imagens serem baseadas na memória facilita seu potencial expressivo e comunicativo. “As imagens são mais legíveis quando são facilmente reconhecidas... e ao relembrares uma experiência comum, elas evocam a realidade.” (EISNER, 2005, p. 19). Esse fato colabora com a proposta de um livro ilustrado que retrata histórias de sujeitos como forma de apresentar essa vivência para outros, de modo a criar um vínculo de pertencimento com pessoas que se identificam com aquela narrativa e também criar um entendimento do contexto para pessoas que são apresentadas ao tema.

Entretanto, durante o processo de produção pude notar que algumas construções de cenários e diferentes perspectivas facilitaram a possibilidade de explorar o tema. Ao longo do meu processo de ilustração, me baseei nos relatos das pessoas entrevistadas e também procurei em meio a referências e imagens criar cenários, ações e sensações que contribuíssem com a história. Por fim, acredito que consegui produzir um livro ilustrado que mistura temas sensíveis, histórias verídicas, com uma linguagem simples e leve, ilustrações coloridas, que apesar disso não deixaram a leitura menos séria.

3.3 A construção da narrativa gráfica

Durante a produção de uma narrativa gráfica há diversas abordagens que o autor pode escolher, baseando-se nas características visuais de suas ilustrações. Essas abordagens irão compor uma série de reações nos leitores, isto é, de acordo com as características que ele use na produção da página, favorecerá uma determinada interpretação no leitor.

Quando fazemos o planejamento visual de uma matéria jornalística temos que pensar em como o leitor irá visualizar as informações dispostas, como a hierarquização das informações afetará o entendimento do leitor, como serão empregados textos, fontes, cores, imagens, entre outras coisas. No livro ilustrado não é diferente. A composição visual das páginas interferirá diretamente na construção da narrativa. Ao decidir o foco a ser enquadrado, é necessário compor a página:

Isso envolve a perspectiva e a disposição de todos os elementos. Devem-se considerar primordialmente o fluxo da narrativa e as convenções-padrão de leitura. Em seguida virá a preocupação com o tom, a emoção e o timing. A decoração ou a inovação no arranjo entram em jogo apenas depois de solucionados todos esses fatores. (EISNER, 2012, p. 88)

Como a ilustração ocupa um lugar importante no livro ilustrado, sua composição controla o ponto de vista do leitor. Essa manipulação oferece ao ilustrador a possibilidade de criar uma perspectiva que orienta o leitor e estimula emoções. Eisner afirma que a principal função da perspectiva é manipular a orientação do leitor para que esteja de acordo com a proposta da narrativa do autor. Toda a composição visual da página influencia a produção de vários estados emocionais no espectador.

Parto da teoria de que a reação da pessoa que vê uma determinada cena é influenciada pela sua posição de espectador. Ao olhar uma cena de cima, o espectador tem uma sensação de pequenez, que estimula a sensação de medo. O formato do quadrinho em combinação com a perspectiva provoca essas reações porque somos receptivos ao ambiente. Um quadrinho estreito evoca uma sensação de encurralamento, de confinamento, ao passo que um quadrinho largo sugere abundância de espaço para movimento - ou fuga. Trata-se de sentimentos primitivos profundamente arraigados e que entram em jogo quando acionados adequadamente. (EISNER, 2012, p. 89)

Tendo em mente que o objetivo do livro ilustrado aqui proposto é criar uma narrativa que retrata a experiência de sujeitos não-binários, é de extrema importância a preocupação com a perspectiva. Isso se deve ao fato de estar lidando com a emulação da experiência real, na qual a perspectiva pode mudar completamente o sentido desejado. O que o autor escolhe

mostrar na ilustração é o que construirá (ou não) o sentimento com o leitor, como empatia, pertencimento, identificação etc. Se a narrativa gráfica se assemelha ao cinema, a construção da narrativa gráfica pode ser comparada à direção de fotografia. O ilustrador deve se atentar à composição das cenas, nesse caso, das páginas. É preciso estudar o roteiro, conhecer a história, explorar os aspectos visuais para que orientem o olhar do leitor ao mesmo tempo que desenvolve a narrativa.

Um fator importante em narrativas gráficas, especialmente as que utilizam de sentimentos e experiências de sujeitos para desenvolver a história, é a anatomia expressiva. Segundo Eisner, a forma humana é a imagem mais universal com que o autor de artes sequenciais tem que lidar. Ele afirma que quando uma imagem é retratada de forma hábil, ela evoca emoções, lembranças, como uma memória comum da experiência. Por essa razão é essencial a perícia com que são empregados a forma humana e a linguagem de seus movimentos nas ilustrações. Quem ilustra narrativas gráficas tem como base suas observações pessoais e sua bagagem com gestos do senso comum que são compreensíveis para qualquer leitor. Isso significa saber expressar emoções e sentimentos por meio dos gestos e posturas dos personagens, como ombros caídos e olhar baixo são associados à tristeza, por exemplo.

A comunicação humana registrada formal, ou organizada, começou como comunicação visual. Não é de surpreender, portanto, que o artista possa contar com a “recepção” ampla do leitor quando um gesto é desenhado de modo a ser facilmente reconhecido. A habilidade (e ciência, se quiserem) encontra-se na seleção da postura ou gesto. No veículo impresso, ao contrário do que ocorre no cinema ou no teatro, o profissional tem que destilar numa única postura uma centena de movimentos intermediários de que se compõe o gesto. Essa postura selecionada deve expressar nuances, servir de suporte ao diálogo, impulsionar a história e comunicar a mensagem. (EISNER, 2012, p. 103)

Nas ilustrações, a postura do corpo e o gesto tem prioridade sobre o texto. Isso porque a forma como são desenvolvidos visualmente modificam e definem o significado abordado pelas palavras. Ainda que o personagem diga que está feliz, se sua linguagem corporal diz o contrário, a narrativa muda. O rosto e suas expressões não são descartados, esses são usados constantemente para descrever emoções. Todos esses segmentos devem ser levados em consideração durante a execução de um trabalho visual. Sendo um livro ilustrado, as visualidades não devem ser pensadas como um complemento ao texto e sim como uma extensão, como uma forma de expandir aquela história. É criar para o leitor um cenário que desperta emoções, que tenha camadas que o verbal não apresenta.

Ao escrever apenas com palavras, o autor dirige a imaginação do leitor. Nas histórias em quadrinhos imagina-se pelo leitor. Uma vez desenhada, a imagem torna-se um enunciado preciso que permite pouca ou nenhuma interpretação adicional. Quando palavra e imagem se “misturam”, as palavras formam um amálgama com a imagem e já não servem para descrever, mas para fornecer som, diálogo e textos de ligação. (EISNER, 2012, p. 122)

Entendendo a ilustração como uma expansão da história é possível compreender a relevância da escolha de executar o produto neste formato. Mais do que uma ilustração de cenários, os desenhos serviram para desenvolver os personagens, acrescentar profundidade aos diálogos, acrescentar camadas visuais aos sentimentos e sensações descritas.

4. O PRODUTO

Meu objetivo com o livro ilustrado foi criar um e-book com uma narrativa sobre os relatos de pessoas não-binárias, para ser disponibilizado de maneira digital, por meio de divulgação em grupos específicos sobre o tema e também em minhas páginas pessoais. A narrativa foi construída por meio de capítulos voltados para momentos marcantes de descobertas e experiências desses sujeitos. Criei então uma história ilustrada que descreve a vivência das pessoas entrevistadas, tendo enfoque para as ilustrações desses momentos e ao mesmo tempo um texto verbal que acompanha as ilustrações com uma narrativa que se conecta com o tema do capítulo. É importante ressaltar que, assim como a definição apresentada aqui de livro ilustrado, meu objetivo foi que o texto alimente a ilustração e a ilustração alimente o texto. Apesar de os dois estarem integrados na construção do livro ilustrado, as duas narrativas são independentes, ou seja, o leitor pode seguir somente a parte ilustrada ou somente a parte textual que conseguirá ter um entendimento sobre o tema abordado.

Minha principal meta com este produto foi criar um material que fosse informativo, mas de forma mais pessoal e subjetiva. Não queria criar uma cartilha técnica e sim um livro com relatos que pudessem tocar pessoas que já conheçam o assunto ou que estejam procurando aprender mais sobre o tema. Já no quesito ilustração, eu quis fazer desenhos expressivos que pudessem manifestar as emoções dos personagens. Como já mencionado, a ilustração é uma linguagem muito potente para apresentar emoções e temas mais subjetivos.

O e-book foi produzido em um formato de paisagem, para melhor adaptação de texto e imagens. As ilustrações foram feitas nas dimensões de 1920 x 1080 pixels, com 300 dpi de resolução. Utilizei as mesmas dimensões para configurar a página do livro. As ilustrações feitas no programa Clip Studio, foram salvas no formato TIF. No total são 55 páginas, da capa até a última página do livro, convertidas em PDF.

Para títulos, como sumário e introdução, optei pela Gobold, por ser uma fonte mais pesada e séria. Minha intenção com isso era deixar com um aspecto mais forte estes títulos. Para os parágrafos da parte textual do livro, foi usada a fonte Comfortaa, para balancear com a anterior, esta é mais despojada e mais leve, dando um aspecto mais pessoal e sensível. Já nas ilustrações, as partes verbais - algumas falas e balões - foram feitas com a fonte Segoe Print, que tem uma aparência mais manual, combinando com as ilustrações e criando uma

identidade visual mais voltada para cartoon. A decisão de utilizar diferentes fontes foi para produzir uma diferença visual entre os campos, a parte de ilustração carrega características mais leves - fonte, cores - para balancear os temas abordados.

4.1 A construção do livro

Entre Caixas foi pensado para ser um e-book. O livro foi construído de forma linear para ser lido em rolamento de cima para baixo. A ideia por trás desta decisão era criar visualmente uma linha contínua entre as ilustrações e também o texto verbal. O design do livro foi pensado para ser no formato de paisagem, para que pudesse ter espaço suficiente para as ilustrações e o texto, de forma que ambos não ficassem comprimidos ou muito colados. Minha intenção era criar um espaço literal entre eles, entre as caixas.

O produto começa com um prefácio, em que faço uma introdução sobre o objetivo do livro, a razão pela qual foi feito e minha experiência como graduando. Também escrevo um pouco sobre o processo de produção em que apresento que as entrevistas foram realizadas de maneira remota, por meio de videochamadas.

É ainda no prefácio que explico que todos os nomes usados no livro são fictícios para proteger a identidade das fontes, já que muitas não são assumidas publicamente e não queriam ter sua identidade revelada.

Na página dez está a introdução, onde faço um breve resumo sobre o não-binarismo e sobre como a sociedade cria caixas em que coloca as pessoas baseando-se em características biológicas. O intuito em fazer uma introdução curta foi criar um material mais orgânico, algo que não ficasse com um perfil de cartilha. Desde o início, minha vontade era criar um livro que fosse pessoal e delicado ao tratar da história de outras pessoas.

Nas páginas 13 e 14 temos a primeira abertura de capítulos. Esta foi uma parte importante do meu processo de criação. Eu queria que, além das histórias dos personagens, o livro contasse com ilustrações que expusessem minha visão artística sobre o não-binarismo. Sendo assim, defini que todo capítulo seria aberto com uma ilustração que para mim expressasse uma visão particular sobre o tema.

Após a abertura se encontra o título do capítulo. Nestas páginas a proposta foi produzir uma apresentação simples, que contasse com o título do relato e de certa forma se

conectasse com o tema abordado naquele capítulo, alguns de forma literal, outros de forma mais subjetiva.

Após o título vem a apresentação do personagem do capítulo. Nestas páginas, fiz uma ilustração que mistura a imagem real da pessoa com alguns pontos de suas personalidades/expressão de gênero. O intuito foi criar uma forma de apresentar algumas informações do personagem/fonte, além de exibir uma ilustração que marcasse a identidade visual daquele personagem. Ainda na apresentação estão os pronomes pelos quais estas pessoas preferem ser tratadas. Eu quis com isso reforçar esse novo movimento da internet em que usuários de redes sociais colocam em seus perfis os pronomes que usam. Esta é uma maneira de naturalizar a exposição do gênero neutro, além de facilitar e estimular que as pessoas não desrespeitem o pronome alheio.

Depois das apresentações, os capítulos começam. Para essas páginas, planejei uma disposição em que a ilustração ficasse à esquerda e o texto à direita. Dessa forma criaria uma identidade visual para o livro, em que o lado esquerdo conta o relato ilustrado e o lado direito tem o texto verbal que expande o assunto. Como a leitura é feita pelo rolamento das páginas, seguindo apenas de um lado facilitaria o entendimento do leitor. Sobre o design da página, tive como referência o *graphic novel* “Desconstruindo Una”¹⁵ de Una, uma artista inglesa. No livro em questão, a autora mistura quadrinhos com uma narrativa gráfica. Tendo isso em mente, pensei em produzir nos relatos uma mistura de quadrinhos com ilustrações gráficas que colaborassem com o fluir das páginas e das histórias.

A parte textual dos capítulos eu produzi a partir de um texto que eu havia feito anteriormente. Primeiramente eu iria usar o texto no próprio livro, porém percebi que a linguagem ficou muito séria e acadêmica, o que não condizia com minha ideia de produto. Então reescrevi a parte textual compilando algumas partes importantes do texto original com o fio da história de cada capítulo. Isto resultou em pequenos recortes de textos que tratam sobre os temas abordados nos capítulos.

Ao todo são cinco capítulos, cada um com um relato de um personagem diferente. Inicialmente, planejei que cada capítulo trataria de um tema que envolve o não-binário. Pensando nisso, e após realizar as entrevistas, escolhi a história que caberia para cada tema

¹⁵ Una. **Desconstruindo Una**. São Paulo: Nemo, 2016.

que eu havia imaginado. Tive como base o descobrimento do gênero, a transição, o não-binário, a expressão de gênero e os relacionamentos.

Sobre design e escolhas editoriais, decidi tudo de forma orgânica. Ainda que façamos resumos e roteiros, o planejamento final de como o produto ficará é uma questão de teste e gosto, para mim. Quando faço algum material visual, escolho produzir o que gostaria de ver e não foi diferente com este livro. Eu tinha inicialmente uma imagem mental de como gostaria que o livro ficasse, mas meu processo de produção vai se alterando com as experimentações que vou fazendo durante o percurso. Sendo assim, me inspirei em características de quadrinhos, graphic novels, charges e apliquei alguns de meus traços.

O título faz referência ao “pensar fora da caixa”. *Entre Caixas* seria uma expressão que diz sobre esse lugar de interseção: se as caixas são o aprisionamento em gênero, expressão e estereótipo, entre as caixas representa a liberdade, a experimentação, o fluir.

Os capítulos estão ligados aos relatos e aos textos, fazendo uma conexão entre os dois. Onde estava Shiny fala sobre seu lugar, não o físico, mas onde está representado. Um nome morto é referência ao termo usado para definir o nome de nascimento de uma pessoa trans. Transformando Marte faz um jogo com a palavra trans-formando e ao mesmo tempo é uma referência ao nascimento de Vênus: aqui Marte não nasceu, mas se transformou. Do amor ao gênero é quase literal, representa a história de como uma pessoa questionou sua identidade após se interessar por outra pessoa. E também representa os amores (ou a falta dele) de pessoas que transgridem o binarismo e seus estereótipos. Por fim, Protótipo trata de um novo ser, uma nova versão, uma pessoa que já está segura de sua identidade mesmo que isso signifique uma eterna transformação.

Para a criação dos nomes fictícios, decidi relacionar o que sabia sobre as pessoas entrevistadas para escolher nomes que se aproximassem de seus reais ou fizessem referência a algo de seu interesse. Shiny faz referência ao nome de usuário de sua conta em uma rede social, em que ela se assumiu não-binária. Ascelin significa “da lua” e é um nome definido como “gótico”, o que combina com a estética dela. Marte liga-se ao nome da pessoa entrevistada. Braun eu escolhi por ser tratado como um nome forte e se aproximar do nome real da fonte. Ravi, assim como o nome da fonte, oferece a possibilidade de alternar as letras formando um nome similar, Riva, simbolizando a dualidade.

As cores utilizadas no livro foram escolhidas em parceria com as fontes. Cada fonte informou uma cor que gostaria que estivesse presente em sua história (Ascelin queria cores escuras, Marte queria amarelo, Braun queria várias cores). Partindo desse princípio e pensando na minha ideia inicial de utilizar as cores azul e rosa no livro, como uma crítica a associação destas cores aos gêneros binários, eu construí a paleta de cores presente no e-book. Também utilizei na maior parte cores mais fortes para contrastar com o lado “branco” da parte textual.

4.2 Os capítulos

Cada capítulo do livro tem um tema específico, assim como uma história diferente. Isso faz com que o leitor possa começar de qualquer capítulo e mesmo assim conseguirá entender as histórias. Porém, a minha premissa com a disposição dos capítulos é que representassem as fases da vida de uma pessoa não-binária. O início de tudo, as transformações, a busca pela identidade, os relacionamentos e por fim o autoconhecimento e autopercepção de sua experiência.

O capítulo 1, “Onde estava Shiny”, traz o relato de uma pessoa não-binária que enquanto criança era lida como um garoto gay. Essa experiência reforça os estereótipos de masculinidade em nossa sociedade. Além disso, a história de Shiny apresenta um ponto importante sobre a representatividade, já que ela demorou a se encontrar dentro da comunidade LGBTQIA+ por justamente não saber o que ela era. Já a parte textual trata sobre os padrões heteronormativos e como os papéis sociais impactam na vida de pessoas queers, também passa brevemente por representatividade na comunidade queer.

O capítulo 2, “Um nome morto”, é sobre Ascelin e seu processo de descobrimento. Neste capítulo o relato ilustrado trata sobre disforia de gênero, depressão e a busca pela identidade. A paleta de cores neste capítulo segue tons escuros, que fazem parte da personalidade de Ascelin, além de representarem o peso e a tensão das questões mentais tratadas. A parte textual fala sobre transexualidade, transição, expressão de gênero e sobre o ponto principal do capítulo, *misgendering*, quando uma pessoa é tratada por um gênero que não corresponde a sua identidade de gênero. O que leva a muitas pessoas trans que são tratadas pelo nome morto, nome que a pessoa recebeu quando registrada após o nascimento, mas com o qual já não se identifica.

O capítulo 3, “Transformando Marte”, traz o relato de um não-binária que sonha em transformar o seu corpo, mas que por morar com a família tem que se reprimir e seguir os padrões de gênero. Marte fala sobre masculinidade, sobre o que é ser homem e no corpo que quer ter. Esses pontos são comuns a identidades que transgridem o binarismo, em que pessoas não-binárias se veem perdidas entre o que gostam e o que lhes é imposto. O texto deste capítulo traz expressões de gênero não-binárias, a forma como pessoas queer precisam se policiar durante a vida para não expor algum trejeito que pode prejudicar suas relações.

O capítulo 4, “Do amor ao gênero”, conta a história de Braun, do descobrimento ao relacionamento com uma pessoa não-binária. Ele fala sobre disforias, adequar seu corpo a uma imagem mental e principalmente sobre relacionamentos. Este capítulo trata de um tema bastante delicado, já que muitas pessoas LGBTQs não possuem apoio familiar para buscar sua identidade e/ou transicionar e como essas pessoas também temem a solidão sem um relacionamento amoroso. Já o conteúdo textual deste capítulo reflete sobre os relacionamentos dentro da comunidade LGBTQIA+, sobre a representatividade de casais LGBTQs e sobre a importância de um apoio, seja de familiares, amigos ou em relações amorosas.

O capítulo 5, “Protótipo”, é o relato de Ravi/Riva, uma artista que usa suas performances, artes e até sua expressão de identidade para levantar o diálogo sobre gênero, sexo, transição, aceitação. Ela fala sobre representatividade, a importância de se enxergar em outra pessoa/comunidade e sobre a liberdade do não-binarismo. Neste capítulo, as ilustrações são inspiradas não só em Ravi/Riva como em suas performances, em que faz máscaras com faixas médicas e maquiagem. A parte textual deste capítulo levanta questões sobre o movimento LGBTQIA+, as lutas sociais, a vivência como um ato político e a importância de experimentar com sua identidade, com sua expressão, na busca de encontrar o que melhor te representa.

4.3 As ilustrações

Todas as ilustrações presentes no livro foram feitas por mim. Procurei algumas referências em artistas queers e/ou figuras que representam o não-binário, a cultura queer. Os desenhos foram feitos digitalmente no programa Clip Studio.

As escolhas por paletas de cores, ambientação, representações, foram feitas baseadas nas entrevistas e nas informações que as fontes me passaram. Tentei criar cenários que retratam suas personalidades, expressões de gênero, aparência e sentimentos. Também tomei como referência o que as pessoas que entrevistei disseram sobre si mesmas, como se viam, como queriam ser desenhadas, como se descreveriam para alguém que não as conhecesse. Ainda que eu tenha tentado manter uma proximidade com sua aparência real e este alter ego que criamos, eu não mostrei as ilustrações para as fontes para que não interferisse no meu processo de criação. Tudo isso já estava acordado entre nós durante as entrevistas. Após finalizar o projeto, e quando puder divulgar o livro, irei mostrar às pessoas que entrevistei.

Nas aberturas de capítulo, fui mais abstrato com minha visão do não-binário. Explorando a dualidade, os estereótipos do binarismo, a anatomia humana e misturando com o etéreo, o cósmico, como uma representação de um ser que não é deste planeta, como um ser que não se contém nas nossas percepções de padrão.

Por fim, todas as ilustrações, desde capa, contra-capas, os relatos, apresentam pontos subjetivos sobre identidade de gênero, expressão de gênero, a minha própria experiência com a comunidade LGBTQIA+ e a minha identidade/percepção sobre o assunto. Eu tinha o objetivo de criar um material expressivo, que fosse pessoal e que tivesse liberdade para tomar as decisões. Acredito que atingi isso. Todo o material foi feito com muita atenção e respeito, e quando desenhei os entrevistados e seus relatos escolhi fazer de uma forma que não ficasse exagerada ou sensacionalista.

4.4 A produção

O desenvolvimento deste trabalho se deu no decorrer do ano de 2021. A primeira publicação no meu instagram para encontrar fontes e grupos específicos foi feita no início de março. Após encontrar o grupo no Facebook RExistência Não-Binária¹⁶, fiz um post nele em que me apresentei, falei brevemente sobre meu trabalho e detalhei que buscava fontes.

Planejei aguardar uma semana para que a publicação tivesse um retorno. E após 5 dias o post já contava com 10 fontes se disponibilizando a participar. O primeiro contato com essas pessoas foi uma conversa no próprio Facebook, em que explicava um pouco mais sobre

¹⁶ RExistência Não Binária (sem hífen) é o nome da página no Facebook. RExistência Não-Binária (com hífen) é o nome do grupo privado no Facebook.

o que desejava fazer com o produto para que essas fontes decidissem se queriam participar ou não. Neste momento, também já avisava que eu precisaria realizar entrevistas por vídeo e que elas deveriam assinar uma autorização.

Após conversar na rede social e pegar o e-mail dessas pessoas, marquei as entrevistas. Por questões de horários as entrevistas eram realizadas no período noturno ou nos fins de semana. Todos os encontros foram feitos individualmente. O primeiro encontro, em que eu apenas falava de mim, do meu trabalho e do meu objetivo, além de deixar que a pessoa se apresentasse e me falasse mais sobre ela, era realizado num período de trinta minutos. Eu entrevistei seis pessoas em uma semana.

Já as entrevistas mais importantes, nas quais entrávamos em assuntos mais específicos e nos relatos que foram ilustrados no livro, realizei num período de duas semanas. Esses encontros duravam em média entre 45 minutos e uma hora. Entrarei em detalhes sobre estas entrevistas em outro tópico.

No fim, o tempo entre encontrar fontes, selecioná-las e então entrevistá-las durou cerca de sete semanas. Depois de ter as gravações e anotações, produzi um texto em que eu coloquei as informações mais importantes para a produção do roteiro. Este texto foi bastante denso e continha informações pessoais das fontes e tratava de alguns assuntos mais delicados e por isso não foi inserido no anexo.

Este resumo das entrevistas, assim como as gravações em si, foram visitados constantemente para a produção do livro. Para escrever o resumo e o roteiro inicial, foi preciso fazer a apuração das gravações, o que durou um período de quatro dias. Levando em consideração, que nesta época eu executava este trabalho apenas no período noturno, e geralmente trabalhava entre quatro e cinco horas por noite.

As ilustrações foram feitas com base no roteiro e foram realizadas durante três semanas. Durante este período, eu dedicava cerca de dez a doze horas diárias para fazer as ilustrações. Tendo em mente que eu precisava visitar os perfis das fontes para ter inspiração, assim como obras de artistas queer.

A versão final do livro foi feita no InDesign, e só foi iniciada após todas as outras partes (texto e ilustrações) estarem concluídas. Esta parte da produção durou cerca de quatro dias, tendo passado por revisão durante este período.

4.5 Publicação e público

Entre Caixas foi planejado como um e-book, sendo assim sua publicação seria totalmente digital. O propósito deste formato é facilitar o acesso ao livro e também a divulgação por meio de redes sociais e grupos de debate sobre o tema. Desde o início meu objetivo com um produto sobre questões de gênero era acrescentar e ampliar o conteúdo, especialmente o não-binário.

Atualmente, os livros em formato digital são muito populares. Contudo, ainda vejo poucos livros ilustrados que são disponibilizados gratuitamente, e ainda mais difícil encontrar este tipo de conteúdo com o tema não-binário. Esta foi uma das razões pelas quais decidi produzir um livro ilustrado sobre expressões de gênero não-binárias. Para contribuir com a causa, dar visibilidade aos relatos de pessoas que transgridem o binarismo e poder sensibilizar o leitor sobre este tema.

Meu leitor alvo inicialmente são pessoas que já conhecem o tema ou querem aprender sobre ele. Criar uma narrativa que contenha relatos da vivência de pessoas e uma parte textual que possa embasar uma discussão ou questionamento serve como um estopim para que o leitor possa se interessar em saber mais e procurar outras informações sobre. Eu não queria criar uma cartilha que explicasse todas as siglas, temas e gírias minuciosamente, mas sim, produzir um material que juntasse o íntimo que só uma pessoa que passou por aquilo pode expressar, com um resumo detalhado de uma pesquisa sobre questões de gênero, expressão, sexualidade, representatividade.

O livro tem conteúdo suficiente para interessar pessoas que já conhecem o não-binarismo, justamente por conter relatos. Tem material para introduzir outras pessoas ao tema, até mesmo pessoas da própria comunidade LGBT que não sabem sobre outros termos e vivências. Apesar de ser um livro ilustrado, eu acredito que pessoas a partir dos 14 anos possam ler, afinal mesmo tratando de temas delicados e sensíveis, o livro é de fácil entendimento e pode ajudar esses adolescentes a descobrir novas perspectivas. Tendo isso em mente, penso que o público-alvo inicial sejam pessoas queer ou apoiadores, a partir de 14 anos. Uma justificativa para essa idade mais jovem é tratar-se de um período de desenvolvimento da própria identidade. É um momento em que o ser humano começa a questionar sua sexualidade, seu gênero e sua expressão de identidade. Por isso, ao meu ver, o livro seria importante para uma pessoa queer desta idade.

A linguagem, tanto textual quanto visual, é simples e objetiva para que seja de fácil entendimento. Um dos fatores que me fez desistir de criar um livro com aspecto textual mais acadêmico, pois acredito que isso limitaria o público e deixaria o livro mais voltado para um nicho estudantil.

Vendo o resultado final, e me baseando nos comentários de pessoas que mostrei como teste, acredito que *Entre Caixas* é um livro de leitura rápida e dinâmica, como eu queria que fosse. É um produto que se aplica a pessoas interessadas em aprender sobre o tema, ou que estão se questionando e procuram por referências, ou que gostam de ler histórias reais de pessoas queer, e também quem goste de livros ilustrados.

Pretendo disponibilizar o e-book em uma plataforma digital que ofereça essa possibilidade. O intuito, com isso, é poder expandir o acesso para além das pessoas do meu convívio e das minhas redes sociais. Dessa forma, qualquer pessoa que acesse essa plataforma consegue achar o livro ilustrado.

5. ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas de forma online, tendo em vista que este produto foi realizado durante uma pandemia global. Respeitando as regras de isolamento, todos os encontros, conversas e informações foram feitos de maneira remota, por meio de videochamadas, publicações em redes sociais e e-mails.

Inicialmente, comecei a procurar fontes no meu Instagram, por meio de um story e depois indo em perfis de pessoas assumidamente não-binárias. Depois procurei grupos específicos no Facebook, onde encontrei o (R)Existência Não-Binária, um grupo fechado em que pessoas não-binárias interagem compartilhando *memes*, histórias de vida, questionamentos, além de conteúdo como palestras, livros, séries, voltados para o tema de gênero.

Fiz uma publicação neste grupo, em que expliquei quem eu era, o que estava produzindo e meu objetivo. A publicação teve por volta de quinze interessados, porém alguns não responderam meus e-mails, então apenas consegui entrevistar seis e destes apenas três entraram no livro.

As entrevistas foram realizadas no Google Meet e variaram entre 45 minutos e uma hora. Quando a pessoa se sentia confortável eu gravava a conversa, a fim de ter o arquivo para suporte durante a produção do livro, entretanto, algumas fontes não se sentiram confortáveis para realizar a gravação.

Para fazer o roteiro das entrevistas, pensando em uma conversa pessoal, sensível e que não causasse nenhum gatilho, realizei uma pesquisa prévia, vendo algumas entrevistas e vídeos no YouTube, de pessoas não-binárias, a fim de produzir um roteiro que fosse respeitoso e responsável com as fontes. Seguindo essa referência, montei um roteiro de perguntas para que as entrevistas fossem leves e para que as fontes se sentissem confortáveis em falar do que quisessem. Após a primeira entrevista, sabendo os assuntos que gostariam de tocar ou não, eu moldava a entrevista de maneira particular para cada entrevistade.

5.1 Entrevistades

Shiny eu conheci pelo Instagram. Era uma pessoa que eu já seguia, mas não sabia sobre sua identidade de gênero. Um dia, por coincidência, entrei em seu perfil, e vi em sua

biografia que se identificava como uma pessoa trans não-binária. Mandei uma mensagem para ela em que eu explicava a minha intenção e ela aceitou participar do projeto. Shiny não é tímida, é bem ativa nas redes sociais e o contato com ela foi fácil. As entrevistas e conversas foram tranquilas, já que ela se expressa bem e, no geral, nossas conversas tinham um clima agradável, especialmente porque ela é uma pessoa de energia muito boa.

Shiny é formada em Psicologia e foi durante sua graduação que se descobriu uma pessoa não-binária. Ela tem 23 anos e mora no Ceará. É uma pessoa que expressa sua identidade de gênero sem seguir padrões. Ela não tenta ser feminina ou masculina, ela simplesmente veste o que quer. Entretanto ela tem preferência por ser chamada no feminino.

Ravi ou Riva é formada em Artes Plásticas e mestre em Artes. Ela tem 25 anos e mora no Espírito Santo. Ravi foi outra pessoa que eu conheci pelo Instagram, seu perfil me foi recomendado por um amigo em comum, ele viu minha publicação procurando perfis de pessoas não-binárias e me apresentou o perfil dela. Entrei em contato e após alguns dias ela me respondeu. Depois de algumas conversas em que expliquei minha intenção e o que eu gostaria de produzir, ela aceitou participar.

Por ser uma artista, Ravi não teve problemas com as entrevistas, em se expressar. Na verdade, ela tinha muita facilidade em desenvolver as respostas. Ravi é uma pessoa não-binária que se identifica como gênero fluido, não tem preferência por pronomes mas na maioria das vezes utiliza pronome feminino.

Ascelin tem 32 anos, é do estado de São Paulo, e há dois anos vive como uma pessoa trans não-binária. Eu a conheci no grupo de Facebook. Ela respondeu minha publicação e entrei em contato, assim como fiz com todas as outras pessoas. Marcamos a entrevista e logo de cara nos demos muito bem. Me identifiquei muito com os gostos musicais e estéticos dela. Ascelin teve uma das histórias mais sensíveis que ouvi. Ela é uma pessoa bem articulada, que conversa bem, e até está acostumada com entrevistas já que deu algumas para falar sobre o não-binarismo. Conversando comigo, ela me contou sobre como sua identidade de gênero impactou sua saúde mental por anos e ela não sabia. Enfrentou depressão, problemas alimentares e até tentou cometer suicídio. Entretanto, escolhi deixar de fora algumas destas informações porque não queria explorar graficamente/visualmente estes temas no meu livro.

Ascelin ainda trata seus traumas e inseguranças, mas hoje está mais feliz do que nunca, podendo expressar quem realmente é. Foi a primeira pessoa com quem conversei

sobre disforia de gênero e como isso impactou sua saúde física e mental, algo importante para mim como pessoa e também para produzir o livro.

Marte tem 27 anos e é do estado de São Paulo. Ele é não-binário há pouco tempo e se descobriu depois de estudar mais sobre o assunto. Ele é formado em Psicologia e disse que sempre se sentiu incomodado com a definição de masculinidade, de ser homem, e que isso foi uma porta de entrada para procurar mais sobre o assunto em livros. Eu o conheci no grupo do Facebook. Marte foi uma das pessoas que não queria registrar sua imagem. Nossos encontros não foram gravados e os horários variavam de acordo com os familiares que estavam em casa, já que ele ainda não se assumiu não-binário para a família.

Marte foi uma fonte importante para falar sobre a percepção de gênero, dos estereótipos, do que é masculinidade e da transformação do corpo. Ele não tem preferência por pronomes e ainda está descobrindo sua identidade.

Braun foi outra pessoa que conheci pela publicação no grupo do Facebook. Nascido no sul, atualmente mora no Ceará. Ele é não-binário desde 2015, quando entrou no mestrado e começou a questionar sua identidade. Depois de alguns acontecimentos, percebeu que não conseguiria mais se identificar como cis. Sua história representa uma versão clássica do que esperam de um não-binário. Durante seu crescimento, ele nunca se interessou por coisas de menina, mas também não se dava bem com meninos, e por fim acabava sem saber onde pertencia. Isso fez com que Braun não conseguisse se conectar com outras pessoas durante muito tempo. O fato de ser autista ampliou ainda mais essa falta de relacionamento. Eu não explorei este assunto no livro, porque sinto que não estava preparado para tratar de autismo. Da mesma forma que não queria colocar algo que eu não soubesse explicar bem, eu não queria expor de uma forma rasa só para causar impacto.

De início, foram feitas as mesmas perguntas para todos, porém o rumo da conversa variava de acordo com a pessoa entrevistada e com seus casos específicos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a produção deste trabalho eu me deparei com diversas dificuldades. O tempo corrido graças às alterações de calendário estudantil por conta da pandemia global. Problemas pessoais como a insegurança que em vários momentos me fez pensar que eu não conseguiria terminar ou produzir um produto de qualidade. Bloqueios mentais, que impediram minha escrita, minha ilustração e até mesmo motivação para produzir qualquer conteúdo. Foram tempos difíceis.

Mas apesar de todas as adversidades, continuei, e foi durante o processo de produção que eu consegui me ver como profissional. Procurar as fontes não foi nada fácil, ou mesmo divertido. Dependendo dos outros é sempre um desafio. E apesar de muitas vezes procurar fonte ser desmotivador, as entrevistas acabam compensando isso. Foi fazendo as entrevistas que eu me encontrei fazendo o que gosto. Questionando sobre assuntos que eu gosto, ouvindo histórias e vivências diferentes do que imaginava.

E logo então veio a apuração, tirar de todo aquele material o que eu estava procurando. Cansativo. Ver e rever, anotar e repetir, ler de novo. Um processo tanto quanto chato, mas que eu reconheço ser extremamente importante. E quando eu finalmente comecei a fazer as ilustrações, percebi que precisava repensar tudo que eu tinha feito.

Meu texto não era o que eu queria que fosse. As ilustrações não estavam como eu esperava que estivessem. Não sairia o produto que eu tinha imaginado. E mesmo desmotivado, com menos tempo ainda, tive que repensar, reorganizar e refazer.

E então chegamos aqui. Com o texto, com as ilustrações. O livro que eu imaginei, eu já nem sei como seria, mas este que eu produzi, foi feito com o máximo das minhas habilidades. E estou orgulhoso com o resultado. Mais do que aprendizado sobre o fazer jornalismo, este Trabalho de Conclusão de Curso me mostrou que sou capaz de fazer o que eu quero fazer, desde que me esforce para isso. E espero conseguir continuar trabalhando com o jornalismo ilustrado.

Se eu escolhi este tema porque queria aprender um pouco mais sobre gênero e principalmente sobre o não-binarismo, posso dizer que isso superou as minhas expectativas. Poder ler sobre o não-binário, sobre papéis sociais, foi importante, mas poder ouvir e ver as pessoas que vivem isso me contando sua trajetória foi muito mais que inspirador. Eu me senti

fazendo algo importante e mais do que isso, me senti um jornalista exercendo a profissão. E mesmo que eu ainda tenha muitas dúvidas, saio deste trabalho 100% diferente de como eu o comecei. Toda essa experiência me engrandeceu de forma profissional, pessoal e principalmente como uma pessoa queer.

Após a finalização do livro ilustrado, eu apresentei o e-book para as fontes para que pudessem me dar a opinião sobre a abordagem que fiz. Todas entrevistadas ficaram felizes com a forma como foram representadas e mais do que isso, felizes com a forma como o relato foi construído visualmente. Foram momentos marcantes para essas pessoas e tomei todo o cuidado para representar de forma sensível e respeitando suas histórias.

Entre Caixas não é só meu trabalho final no curso de Jornalismo, é meu ponto de partida. É a prova que a realidade supera as expectativas. E vai ser minha lembrança sempre que eu duvidar da minha capacidade.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (orgs). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>. Acesso em: 10 de agosto, 2021.
- BERNINI, Lorenzo. Macho e fêmea Deus os criou!? A sabotagem transmodernista do sistema binário sexual. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v.5, n.6, p.15-47, 2011.
- BRITO, Sofia Marta Seixas. **Infância(s) e gênero(s): a normatização da expressão de gênero na infância**. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2018.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos de “sexo”. Tradução: Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições / Crocodilo, 2019.
- COLLING, Leandro. Teoria Queer. **Mais definições em trânsito**. Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – UFBA, 2017. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>. Acesso em: 19 de agosto, 2021.
- DOS REIS, Neilton; PINHO, Raquel. Gêneros não-binários: identidades, expressões e educação. **Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v.24, n.1, p.7-25, abr. 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/7045>. Acesso em: 10 de agosto, 2021.
- DORLIN, Elsa. **Sexo, gênero e sexualidades** : introdução à teoria feminista. Traduzido por Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: crocodilo/Ubu Editora, 2021.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. Tradução: Luis Carlos Borges. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. Tradução: Leandro Del Manto. São Paulo: Devir, 2005.
- FLECK, Felícia de Oliveira; CUNHA, Miriam da; CALDIN, Clarice Fortkamp. **Livro ilustrado: texto, imagem e mediação. Perspectivas em Ciência da Informação**. 2016. (3. livro ilustrado, p.199-204). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/2390>. Acesso em: 23 de agosto, 2021.

GENS, Armando. **Livro com ilustração : um exercício do olhar**. Sergipe : Vol. 16 Interdisciplinar, 2012. Disponível em : <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1003> Acesso em: 18 de janeiro, 2022.

GILI, Silvana Ribeiro. **Livros ilustrados: textos e imagens**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2014.

GLAAD. **Media Reference Guide 2016** – 10th edition. New York e Los Angeles, 2016. Disponível em: <https://www.glaad.org/sites/default/files/GLAAD-Media-Reference-Guide-Tenth-Edition.pdf>. Acesso em: 10 de agosto, 2021.

GONÇALVES, Mar. (Des)Complicando a Tia #2 – Pessoa não binária transfeminina X Mulher não binária. **New Order**, 6/4/2019. Disponível em: <https://medium.com/neworder/des-complicando-a-tia-2-39b21025a923> Acesso em: 10 de agosto, 2021.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2ª ed. Brasília, 2012. Disponível em: https://www.dive.sc.gov.br/conteudos/agrivos/publicacoes/ORIENTACOES_SOBRE_IDENTIDADE_DE_GENERO_CONCEITOS_E_TERMOS_2_Edicao.pdf. Acesso em: 20 de agosto, 2021.

LANZ, Leticia. **O corpo da roupa** : a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado** : pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer** : uma política pós-identitária para a educação. Revista Estudos Feministas [online]. 2001, v.9, n.2, pp. 541-553. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200012> Acesso em: 6 de janeiro, 2022.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** : ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACHADO, Felipe Viero Kolinski. **Homens que se veem** : masculinidades nas revistas Junior e Men's Health Portugal. Ouro Preto: Editora UFOP, 2018. Disponível em: <https://www.editora.ufop.br/index.php/editora/catalog/book/150> Acesso em: 6 de janeiro, 2022.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. Tradução : Helcio de Carvalho e Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995.

ORIENTANDO. **Categorias relacionadas a gênero e Lista de gêneros não-binários**.

Orientando, Questões de Gênero, 2017. Disponível em:

<https://orientando.org/wp-content/uploads/2017/05/Panfleto-de-g%C3%AAnero-2.pdf>

Acesso em: 19 de agosto, 2021.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José (Orgs.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. p.116-148.

PORCHAT, Patricia. **Psicanálise e transexualismo: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler**. Curitiba: Juruá, 2014. (1.1 Contribuições da Teoria da Construção Social, p.23-30)

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual : políticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SPIZZIRRI, Giancarlo; EUFRÁSIO, Raí; LIMA, Maria Cristina *et al.* **Proportion of people identified as transgender and non-binary gender in Brazil**. Sci Rep 11, 2240 (2021).

Disponível em <https://doi.org/10.1038/s41598-021-81411-4> Acesso em: 10 de agosto, 2021.

TITMAN, Nat. (2014). **How many people in the United Kingdom are nonbinary?**

Practical Androgyny, August 10, 2015. Disponível em:

<https://practicalandrogyny.com/2014/12/16/how-many-people-in-the-uk-are-nonbinary/>.

Acesso em: 10 de agosto, 2021.

ANEXO 1

Roteiro de perguntas

Perguntas voltadas para o não-binarismo

1. Como você se identifica? E como você prefere ser tratada?
2. Quando você começou a questionar as normas do binarismo de gênero? E quais pontos te incomodavam nesse binarismo, especialmente os aplicados a você?
3. Como foi que você encontrou o termo não-binário? Já conhecia alguma pessoa que se identificava assim?
4. Como você expressa sua identidade? E como isso começou? Quais foram seus interesses e referências que te motivaram a se expressar assim?
5. Você sentiu necessidade de realizar mudanças no seu corpo para expressar a sua identidade?
6. Como foi expressar sua identidade no seu convívio (família, amigos, estudo, trabalho)?
7. Você enxerga sua expressão de identidade como algo político? Como é sua relação com os movimentos sociais voltados para gênero, especialmente o não-binário?
8. Como é sua relação com o local onde você mora? E como é ser não-binário no Brasil?
9. Quais os principais desafios que você enfrenta no seu dia-a-dia, em relação a sua expressão de identidade?
10. O que você espera de mudança para melhorar a vivência de pessoas não-binárias?

Perguntas voltadas para a composição visual

1. Como você se descreveria para alguém que nunca te viu?
2. Quais cores você usaria para te descrever?
3. Como você gostaria de ser retratada em uma ilustração?
4. O que você usaria de exemplo para representar você? (músicas, filmes, objetos, cenários)

ANEXO 2

Roteiro inicial do livro ilustrado.

- Introdução

O que é este livro

Não-binário é um termo que define pessoas que transgridem o binarismo de gênero. Podem se identificar com os dois gêneros, fluir entre eles ou não se identificar com nenhum.

Aqui estão histórias de pessoas não-binárias, sobre descobrimento e transformações. O intuito principal é apresentar a vivência destas pessoas por meio da ilustração e do texto.

Entre as caixas há um vasto universo.

- Capítulo 1

Onde estava Shiny.

≥ Parte ilustrada

Shiny era considerada um garoto afeminado. Nunca houve um momento de descoberta, aos 9 anos de idade os garotos de classe a chamavam de viado, bicha, e era isso que ela pensava ser. Ela não passou por um momento de se assumir, as pessoas a “tiraram do armário” e a colocaram na caixa de um gay afeminado.

Ela sofria preconceito na escola, todos os garotos pegavam no seu pé, mas ela nunca contou aos pais, por medo da reação deles. Ela então reprimia todos os sentimentos, escondia quem era e tentava ser como os outros garotos.

Foi assim que viveu por muitos anos. Sempre questionando onde deveria estar, quem deveria ser, o que ela era. Shiny não se via como um garoto gay, aquilo não era suficiente para ela. Durante sua adolescência ela era tímida, fechada, não gostava de interagir com outras pessoas, por não entender sua identidade. Os relacionamentos eram complicados.

Ela decidiu cursar Psicologia achando que isso a ajudaria a entender a si mesma. E quando tinha 19 anos, ela estava navegando pelo Youtube e descobriu um vídeo de uma pessoa trans

não-binária. No vídeo a pessoa se identificava como não-binária, porém gostava de se expressar de forma feminina. Foi nesse momento que algo despertou dentro de Shiny. Ela finalmente havia entendido o que podia ser, e ali ela conseguia se sentir representada.

- Capítulo 2

Um nome morto.

> *Parte ilustrada*

Ascelin se descobriu uma pessoa não-binária aos 30 anos. Depois de muitos anos enfrentando a depressão que descobriu estar ligada a sua disforia de gênero. Ela escolheu uma expressão de gênero andrógina.

No início de sua transição, ela enfrentou muito preconceito dentro da própria comunidade LGBT. Homens que antes, quando ela expressava uma identidade masculina, tinham interesse nela agora a tratavam mal. Inclusive desvalidando sua identidade, dizendo que estava fazendo a transição apenas para chamar atenção. O que a abalou um pouco.

Pouco tempo depois de começar a transição, ela alterou seu nome. Isso foi um grande passo em sua vida para que se sentisse representada e confortável com sua identidade, um ponto importante em sua história para que tivesse forças para continuar. Porém, muitas pessoas ainda a chamam por seu nome morto. O que a fez se afastar da família e de alguns amigos. Ascelin luta por mais representatividade e respeito com pessoas trans não-binárias.

- Capítulo 3

Transformando Marte.

> *Parte ilustrada.*

Marte apenas começou sua jornada como não-binária. Seu incômodo inicial foi perceber que não era um homem. Ser masculino não é ser homem. Porém nunca se sentiu uma mulher trans. Então após estudar sobre gênero, ele descobriu o não-binarismo e percebeu que era onde pertencia.

Apesar desta experiência ser recente, Marte acredita que está no caminho certo, só precisa dar o lançamento inicial. Por ainda morar com os pais, ele não pode fazer as alterações que deseja. Ainda não pode experimentar com roupas e muito menos transformar seu corpo.

Marte quer criar uma imagem ambígua, ele gosta de seus pelos pelo corpo, sua barba, do torso “masculino”, mas ele quer algumas características “femininas” como quadril, coxa e bunda maiores. Ele não quer entrar em um padrão, essa transformação é apenas para que tenha um corpo que acha bonito, atraente.

Esta mistura de características é uma vontade de expressar sua identidade através do simbólico. Pêlos não são exclusividade de homens, assim como um quadril avantajado, então porque são definidas como marcações de gênero? Para Marte não faz sentido e por isso ele se sente livre para transformar seu corpo para o nascimento de um novo eu.

- Capítulo 4

Do amor ao gênero.

> Parte ilustrada.

Braun percebeu que não poderia mais se identificar como cis durante seu mestrado em Estudos de Gênero. Naquele momento, percebeu que a binariedade já não fazia sentido para ele.

Tudo começou porque ele se interessou por outra pessoa não-binária e a partir de então, começou a entender mais e isso ajudou Braun a se reconhecer. Na tentativa de adequar sua imagem, ele tentou usar testosterona por um ano, para que pudesse melhorar sua voz, algo que lhe causava disforia. Porém, alguns efeitos colaterais, como pelos e queda de cabelo, fizeram com que Braun desistisse de usar o hormônio.

Hoje, sua expressão de gênero é individual, para ele, não se encaixa em nenhuma caixa. Braun gosta de roupas coloridas, tem os cabelos pintados e tatuagens. Usa vestidos porque acha confortável e bonito e gosta de penteados diferentes.

Se sua descoberta como não-binária começou por causa de um interesse amoroso, hoje Braun afirma que se interessa por pessoas, independente do gênero. Braun está casado, não oficialmente, mas vivem juntas e planejam o futuro. Seu relacionamento é com uma pessoa que também é não-binária, porém possuem expressões de gênero diferentes. Apesar disso,

Braun sabe que isso não é algo comum para todos. Relacionamentos são difíceis, porque muitas pessoas não entendem o não-binarismo e acabam excluindo esses indivíduos.

- Capítulo 5

Protótipo.

> Parte ilustrada.

Ravi é uma pessoa não-binária de gênero fluído. Como se define, “às vezes ela, às vezes ele”, e não tem preferência por pronomes. É Ravi e é Riva. Mas não é metade homem e metade mulher, ele encontrou no não-binarismo a chance de expandir, transmutar e não se limitar.

Formado em artes plásticas e mestre em artes, a expressão de gênero faz parte do seu dia a dia e de suas apresentações artísticas. Suas performances, vídeos e fotos tem o intuito de instigar e fazer com que as pessoas reflitam, algumas vezes através do incômodo.

Se assumir não-binário e poder expressar sua identidade da forma como quiser mudou completamente sua vida. Hoje ele tenta, com sua arte, ajudar outras pessoas a se reconhecer e a servir como representatividade, já que é um tema pouco abordado ainda.